

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC SP

Luciana Maria Galvão Wolff

Instrumento de avaliação de linguagem utilizando a comunicação suplementar e alternativa: elaboração e aplicação em crianças com transtornos do espectro do autismo

DOUTORADO EM FONOAUDIOLOGIA

SÃO PAULO
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC SP

Luciana Maria Galvão Wolff

Instrumento de avaliação de linguagem utilizando a comunicação suplementar e alternativa: elaboração e aplicação em crianças com transtornos do espectro do autismo

DOUTORADO EM FONOAUDIOLOGIA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Fonoaudiologia sob a orientação da Profa. Dra. Maria Claudia Cunha

SÃO PAULO
2018

Banca Examinadora

Esta pesquisa contou com o auxílio de bolsa da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

“... language gives each one of us the gateway to express our needs, dreams and hopes. Without it, life becomes a war within the soul.”

Paul Marshall
(AAC user, Canadá)

Dedicatória

Aos meus pais, meus maiores incentivadores,
pelo apoio nessa jornada e exemplo de vida, por tudo que me ensinaram.
Ao meu filho querido, pelo amor e toda paciência durante esse percurso.

AGRADECIMENTOS

A finalização dessa tese marca mais uma importante etapa da vida acadêmica, mas também mostra um caminho extenso de construção e persistência. Percurso de escolhas solitárias, renúncias necessárias, inquietações compartilhadas e parcerias preciosas. Enfim, é imenso meu sentimento de gratidão a todos que fizeram parte dessa caminhada direta ou indiretamente.

Meu muito obrigado ...

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Claudia Cunha, pela compreensão, perseverança, por me ajudar a cultivar essa trilha, ainda árida no campo de pesquisa.

À Dra. Fernanda Prado Machado pelo profissionalismo, disponibilidade, pelas leituras precisas e discussões, por compartilhar seu conhecimento e experiência.

À Profa. Dra. Maria Cecília de Moura, pela disponibilidade, interesse e incentivo.

Aos professores convidados, que gentilmente aceitaram participar das minhas qualificações e banca de defesa pública. Obrigado pela leitura atenciosa e valiosas contribuições.

Aos professores do PEPG em Fonoaudiologia da PUC SP, que me acompanharam nessa jornada, pela generosidade e pelo valoroso conhecimento compartilhado.

Aos meus amigos e colegas do Doutorado, por dividirem comigo as frustrações e alegrias vividas nesse período, pelas enriquecedoras discussões, incentivo ao trabalho e aprendizado. Muito obrigado em especial aos amigos que sempre estiveram presentes nos momentos críticos, Caroline Lopes Barbosa, Glícia Ribeiro de Oliveira, Tatiane Ichitani e Denise Cintra Vilas Boas, obrigado pelas conversas, amizade, paciência e prontidão em ajudar, sempre me ouvindo e ajudando nas reflexões.

Meu agradecimento às crianças, sujeitos dessa pesquisa, pelas descobertas que fizemos e, principalmente, por tudo que me ensinaram. Aos seus pais, pela disponibilidade de participação e confiança nessa pesquisa. A todos que, no decorrer desses anos, foram meus pacientes e que fazem parte da experiência que alimentou minhas reflexões e indagações.

Às fonoaudiólogas Márcia Azevedo de Souza Matumoto, Eliana Cristina Moreira, Denise Cintra Vilas Boas, Márcia Regina Fogo Pereira, Cátia Crivelenti de

Figueiredo Walter, Carolina Rizzotto Schirmer, Renata Cristina Bernardi Gramani, Simone Kruguer, pela disponibilidade e confiança.

Às secretarias municipais de Saúde do município de Guarulhos e de Jacareí, à secretaria municipal de Educação de Amparo, pela credibilidade, confiança e autorização para a realização desta pesquisa.

Aos profissionais do CAPSi Guarulhos e Jacareí e do programa de inclusão do município de Amparo, em especial à Luisa Benedetti, Márcia e à fga. Cibele, meu carinho e sincero agradecimento por abrir as portas das respectivas instituições e pela disponibilidade e confiança. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

À secretária do PEPG em Fonoaudiologia da PUC SP, Virgínia Rita Pini, sempre pronta para nos orientar, pelo carinho e valiosa atenção.

Minha eterna e mais profunda gratidão aos meus pais Almério e Maria Antonia, que foram os primeiros a acreditarem em mim e muito contribuíram para a realização de mais esse sonho, me apoiaram de forma irrestrita e absoluta em todas as minhas escolhas, pelo suporte e acolhimento sempre me ensinando com seu exemplo.

Aos meus irmãos, Eliana, Juliana e Paulo, pelo carinho. Muito obrigado especial ao meu irmão Luis Paulo pelo valioso apoio, por acreditar em meu sonho e me ajudar a realizá-lo.

Ao meu amado filho Erik que compartilhou comigo todo esse percurso de angústias, alegrias, tristezas, com suas conversas e até contribuições para minhas reflexões, minha eterna gratidão.

Meu sincero agradecimento a Conrado Nogueira, pelas acolhidas, pelo companheirismo nos momentos finais e conclusivos, pelo carinho, paciência e ajuda.

A todos, mesmo não mencionados, que diretamente ou indiretamente me apoiaram nesses quatro anos de doutorado, que contribuíram de alguma forma para a realização desta pesquisa e principalmente acreditaram que ela iria acontecer!

Minha eterna gratidão a todos aqueles que acreditaram em meu sonho!

À CAPES, pelo auxílio financeiro concedido.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAC	Aumentative and Alternative Communication
ABA	Applied Behavior Analysis / Análise Aplicada do Comportamento
ABC	Autism Behavior Checklist
ABFW	Teste de Linguagem Infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática
ADI-R	Autistic Diagnostic Interview - Revised
AFE	Análise Fatorial Exploratória
ASD	Autism Spectrum Disorders
ASHA	American Speech-Language-Hearing-Association
ASQ	Autism Screening Questionnaire
ATA	Escala de Avaliação de Traços Autísticos
CAPSi	Centro de Atenção Psicossocial Infantil
CARS	Childhood Autism Rating Scale
CDC	Center for Disease Control and Prevention
CHAT	Checklist for Autism in Toddlers
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CSA	Comunicação Suplementar e Alternativa
DSM V	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
ECA-N	Evaluation des Comportements Autistiques Du Nourrisson
IDE-S	Imitation Disorders Evaluation Scale
IRDI	Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil
ISAAC	International Society of Augmentative and Alternative Association
KMO	Kaiser-Meyer-Olkin
M-CHAT	Modified Checklist for Autism in Toddlers
PCS	Picture Communication Symbols
PECS	Picture Exchange Communication System
PROC	Protocolo de Observação Comportamental
PUC SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RRBs	Restricted Repetitive Behaviors
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
STAT	Screening Tool for Autism in Two-Year-Old
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Transtornos do Espectro do Autismo
TEACCH	Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	Parecer Consubstanciado do CEP da PUC-SP	72
ANEXO 2	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	73 e 74
ANEXO 3	Instrumento CSA_Linguagem 1 (versão inicial)	75 e 76
ANEXO 4	Formulário de Avaliação do Instrumento	77
ANEXO 5	Instrumento CSA_Linguagem 2 (versão final).	78 - 83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Número e percentual de sujeitos, segundo características demográficas	58
Tabela 2	Resultados obtidos pelos sujeitos no Eixo I – Intenção Comunicativa de acordo com número e percentual de sujeitos	59
Tabela 3	Resultados obtidos pelos sujeitos no Eixo II - Manejo funcional dos símbolos gráficos de acordo com número e percentual de sujeitos	60
Tabela 4	Resultados obtidos pelos sujeitos no Eixo III – Respostas ao estímulo verbal e não verbal (perguntas e comentários envolvendo os símbolos gráficos) de acordo com número e percentual de sujeitos	61
Tabela 5	Resultados obtidos pelos sujeitos no Eixo IV – Emissão de sons verbais de acordo com número e percentual de sujeitos	62
Tabela 6	Diferença de médias entre grupos segundo pontuação obtida no instrumento	63

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Correlação de Pearson (r_{pearson}) entre idade (anos) e o índice gerado pelo instrumento (pontos).	64
Figura 2	Correlação de Spearman (r_{spearman}) entre tempo para concluir o instrumento (minutos) e o índice gerado pelo instrumento (pontos).	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Instituição onde foi realizada a graduação em Fonoaudiologia	29
Quadro 2	Ano de conclusão da graduação em Fonoaudiologia	29
Quadro 3	Pós-graduação: níveis e áreas de conhecimento	30
Quadro 4	Tempo de atuação com CSA	30
Quadro 5	Comentários dos juízes sobre o instrumento CSA_Linguagem 1	31
Quadro 6	Conteúdos mantidos e alterados na versão CSA_Linguagem 1 para a elaboração da versão CSA_Linguagem 2	32
Quadro 7	Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto aos procedimentos de aplicação: introdução	33
Quadro 8	Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto aos procedimentos de aplicação: Orientações para Aplicação do Instrumento	34 e 35
Quadro 9	Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto conteúdos do eixo temático I: Intenção Comunicativa	37
Quadro 10	Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto conteúdos do eixo temático II : Manejo Funcional dos Símbolos Gráficos	38
Quadro 11	Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto conteúdos do eixo temático III : Perguntas e Comentários Envolvendo os Símbolos Gráficos	39
Quadro 12	Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto conteúdos do eixo temático IV: Emissão De Sons Verbais	40

RESUMO

WOLFF, LMG. **Instrumento de avaliação de linguagem utilizando a comunicação suplementar e alternativa: elaboração e aplicação em crianças com transtornos do espectro do autismo.** [tese] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

Introdução: Existe um aumento considerável do número de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e tendo essa população grandes chances de apresentar necessidades complexas de comunicação, a intervenção fonoaudiológica com a Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA) deve ser considerada. A produção de conhecimento científico nessas áreas especificamente na elaboração de instrumentos de avaliação de linguagem considerando as possibilidades de comunicação por meio da CSA com essa população é ainda incipiente. Dessa forma, justifica-se a elaboração do instrumento de avaliação aqui proposto.

Objetivo: Essa pesquisa foi desenvolvida por meio de dois estudos integrados: Estudo 1 - Elaboração e validação de conteúdo do instrumento de avaliação de linguagem (CSA_Linguagem) em crianças pequenas com necessidades complexas de comunicação utilizando a CSA. Estudo 2 - Aplicação desse instrumento em crianças diagnosticadas com TEA.

Método: Estudo 1 - o instrumento foi elaborado a partir de revisão bibliográfica, em conjunto com a experiência clínica do pesquisador. Em seguida o instrumento foi avaliado por juízes especialistas na área e uma nova versão foi construída, incorporando as colaborações dos juízes. Estudo 2 - o instrumento foi aplicado em crianças com TEA, em situações de interação com a utilização de símbolos gráficos da CSA.

Resultados: Estudo 1: o instrumento foi aprimorado com a contribuição dos juízes. Estudo 2: foi possível observar a forma de comunicação eleita pela criança, e a possibilidade de efeitos na comunicação com o uso da CSA. O instrumento se mostrou operacional, de fácil aplicação e baixo custo.

Palavras-chave: comunicação suplementar e alternativa, transtorno do espectro autista, avaliação, avaliação de linguagem, comunicação não verbal, auxiliares de comunicação para pessoas com deficiência.

ABSTRACT

WOLFF, LMG. **Language assessment tool using augmentative and alternative communication: elaboration and application in children with autism spectrum disorders.** [thesis] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

Introduction: There is a considerable increase in the number of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) and being this population with a great chance of presenting complex communication needs, the speech language pathology intervention with Augmentative and Alternative Communication (AAC) is essential. The scientific knowledge production on these areas, specifically on the construction of language assessment instruments considering communication possibilities with AAC on this population is still incipient. Thus, it is justified by the development of an assessment tool proposed here.

Aim: This research was developed through two integrated studies: Study 1 - development and content validation on language assessment instrument (CSA_Linguagem) in small children with complex communication needs using AAC. Study 2 - Application of this instrument in children diagnosed with ASD.

Method: Study 1: the instrument was prepared from a bibliographic review, along with the clinical experience of the researcher. The instrument was then evaluated by expert judges in the area and a new final version was constructed with the collaborations computed. Study 2, the instrument was applied on children with ASD, on interaction situations, using AAC graphic symbols.

Results: Study 1: The Instrument was improved with the judges contribution. Study 2: it was possible to observe the communication form chosen by the child, and the possibility of some communication effect, in the use of the AAC. The instrument proved to be operational, easy to apply and low cost.

Key-words: augmentative and alternative communication, autism spectrum disorder, evaluation, language evaluation, non verbal communication, communication Aids for disabled.

Sumário

INTRODUÇÃO	17
OBJETIVOS.....	22
ESTUDO 1 - Elaboração e validação do conteúdo de instrumento de avaliação de linguagem utilizando a Comunicação Suplementar e Alternativa	23
Introdução	23
Objetivo	26
Método.....	26
Resultados	28
Discussão	41
Conclusão	44
Referências Bibliográficas.....	45
ESTUDO 2 - Aplicação do Instrumento CSA_Linguagem em crianças com Transtornos do Espectro do Autismo.....	51
Introdução	51
Objetivo	53
Método.....	53
Resultados	57
Discussão	66
Conclusão	68
Referências Bibliográficas.....	69
Anexos.....	72

INTRODUÇÃO

A ausência ou atraso na aquisição de linguagem nos primeiros anos de vida de uma criança gera preocupações e pode sugerir diversas etiologias e condutas. Quando associados a outros sintomas como interesses restritos e dificuldades na interação social podem sugerir, como descrito pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), um quadro de Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) caracterizado por:

“1) deficits in social communication and social interaction and
2) restricted repetitive behaviors, interests, and activities (RRBs). Because both components are required for diagnosis of ASD (Autism Spectrum Disorders), social communication disorder is diagnosed if no RRBs are present” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2017a, p. 1).

Os sintomas de TEA configuram um contínuo de características com formas leves ou severas de manifestação clínica, a saber.

“People with Autism Spectrum Disorders (ASD) tend to have communication deficits, such as responding inappropriately in conversations, misreading nonverbal interactions, or having difficulty building friendships appropriate to their age. In addition, people with ASD may be overly dependent on routines, highly sensitive to changes in their environment, or intensely focused on inappropriate items. Again, the symptoms of people with ASD will fall on a continuum, with some individuals showing mild symptoms and others having much more severe symptoms. This spectrum will allow clinicians to account for the variations in symptoms and behaviors from person to person”. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2017b, p. 1).

Na abordagem psicanalítica, os sintomas no TEA são abordados a partir do funcionamento do aparelho psíquico. Nessa vertente a linguagem é “elemento central para pensarmos as relações entre as dificuldades de interação social, as alterações de comportamento e o prejuízo do brincar imaginativo e simbólico” (JERUSALINSKY e FENDRIK, 2011, p. 98).

Os problemas de linguagem que marcam esse quadro clínico são bem diversificados, variando desde a ausência de oralidade até a fala descontextualizada. Aproximadamente 25% de crianças com TEA não desenvolvem fala funcional (GERVAIS et al., 2004; ROSE et al., 2016), ou seja, quando falam são poucas palavras ou frases com repertório verbal restrito, em situações dialógicas limitadas e muitas vezes de forma ecológica.

Na ausência e nos comprometimentos severos da oralidade, a inserção desses sujeitos na linguagem pode ser proposta por meio da Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA), um termo traduzido do inglês Augmentative and Alternative Communication (AAC), definido pela International Society of Augmentative and Alternative Communication - ISAAC (ISAAC, 2015 p. 1) como:

“... a set of tools and strategies that an individual uses to solve everyday communicative challenges. Communication can take many forms such as: speech, a shared glance, text, gestures, facial expressions, touch, sign language, symbols, pictures, speech-generating devices, etc. Everyone uses multiple forms of communication, based upon the context and our communication partner. Effective communication occurs when the intent and meaning of one individual is understood by another person. The form is less important than the successful understanding of the message”.

Por sua vez, a American Speech-Language-Hearing Association (ASHA) se refere a CSA como:

...” an area of research, clinical, and educational practice. AAC involves attempts to study and when necessary compensate for temporary or permanent impairments, activity limitations, and participation restrictions of individuals with severe disorders of speech-language production and/or comprehension, including spoken and written modes of communication” (AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION, 2005 p.1)

Em português existem diferentes traduções para a expressão AAC, acima referida. Nesta pesquisa optou-se por utilizar Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA)¹.

Nessa perspectiva, a linguagem oral ganha materialidade por meio dos símbolos da CSA e são movimentados pela “fala que está na escuta” (efeito da fala do outro) desses sujeitos que apresentam necessidades complexas de comunicação² (VASCONCELLOS, 2013 p. 316). Essa materialidade permite a

¹ O termo “alternativa”, traduzido do inglês “alternative”, não traz dúvidas quanto ao significado. É utilizado para se referir a algo (gestos, desenhos) que substitui (ou é uma alternativa) para a fala ou a escrita (KANGAS e LLOYD, 1990). A indefinição e dificuldade de tradução estão no termo “augmentative”, assim definido pelo mesmo autor: “Augmentative may be used to refer to an approach which is clearly an addition to natural speech and / or handwriting. It should not be used if there is no natural speech and / or writing involved.” (KANGAS e LLOYD, 1990, p.169). Contudo, a tradução do termo “Augmentative” para o português, traz margem para discussão (CHUN, 2009; KANGAS e LLOYD, 1990; KRUGUER, 2017). O termo em português que mais se aproxima da definição acima seria a palavra “Suplementar”, definida no dicionário como algo “que pode ser acrescentado de modo adicional, acessório; capaz de ampliar ou complementar - <https://www.dicio.com.br/suplementar/>.”¹

² Existe uma preocupação de longa data entre pesquisadores e profissionais sobre os termos a serem utilizados com pessoas que apresentam ausência ou dificuldades severas na oralidade e que necessitam de meios de comunicação que não sejam naturais ao discurso (CSA) (VON TETZCHNER e BASIL, 2011). Será utilizado nesse estudo o termo necessidades complexas de comunicação, que é a tradução do termo “Complex Communication Needs”, recomendado pelas publicações internacionais da área, como o AAC Journal.

dialogia que resulta em mudança favorável na relação do sujeito com a linguagem (WOLFF, 2001). Mudança necessária e importante quando atribuímos à linguagem um papel constitutivo, condição essa para significação e nascimento do sujeito (LIER-DE VITTO, 1997).

Os sistemas de símbolos, ou o símbolo gráfico propriamente dito, são compreendidos neste estudo como uma imagem familiar ou não, embora possam ter conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Dessa forma é muito importante que o significado sempre esteja escrito acima do desenho (símbolo gráfico), para que possa ser compreendido e compartilhado.

Assim, uma palavra ou frase representada por uma imagem, se torna simbólica quando implica em alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato (JUNG, 1964). O símbolo é a representação de algo vivenciado e assim significado por aquele que o utiliza para se comunicar e neste estudo se refere sempre aos símbolos gráficos, que podem ser desenhos, figuras ou fotos. (KANGAS e LLOYD, 1990).

O conjunto desses símbolos é organizado em diferentes sistemas da CSA e podem ser classificados em técnicas sem e com auxílio. O termo técnica se refere às formas que as mensagens são transmitidas (BEUKELMAN e MIRENDA, 2008), ou seja, as técnicas sem auxílio são aquelas que não requerem nenhum instrumento além do próprio corpo da pessoa, ou seja, a fala, os gestos, a mímica ou sinais manuais. Já as técnicas com auxílio são aquelas em que o uso de um suporte físico ou auxílio técnico é necessário, que podem ser símbolos tangíveis, como objetos, ou sinais gráficos, por exemplo: desenhos, pictogramas, palavras escritas ou letras (BASIL e ROSELL, 2003).

Os sistemas de símbolos da CSA com auxílio podem ser organizados em uma prancha de comunicação e apresentados por meio de equipamentos eletrônicos ou não, ou seja, em baixa (figuras e desenhos no papel), média (vocalizadores) ou alta tecnologia (equipamentos eletrônicos, computadores ou dispositivos móveis) com objetivo de promover a comunicação (SCHLOSSER e ROTHSCILD, 2001; GANZ, 2015; BASIL e ROSEL, 2003).

Retomando o tema do presente estudo, salienta-se que pesquisas sobre CSA com pessoas com TEA enfatizam o uso de técnicas com, em relação aos sem

auxílio (LOGAN, IACONO e TREMBATH, 2017), ou seja, pessoas com TEA preferencialmente utilizam a CSA com o auxílio de algo além de seu próprio corpo. Nessa direção, a apresentação dos símbolos organizados na prancha de comunicação visa três propósitos: aprimorar o tempo da emissão da mensagem, ajudar na formulação gramatical da mensagem e / ou melhorar a comunicação. (ASHA, 2004).

Estudos sobre técnicas e estratégias com a CSA em pessoas com TEA têm sido desenvolvidos em abordagens diversas. As estratégias são referidas neste estudo como o modo como as mensagens podem ser transmitidas de forma mais eficaz e eficiente (BEUKELMAN e MIRENDA, 2008). Muitos trabalhos brasileiros e internacionais apresentam uma perspectiva tecnicista e instrumental, onde é focado o treinamento do uso de símbolos (LOGAN, IACONO e TREMBATH, 2017), na chamada abordagem comportamental. São também encontradas outras abordagens que tem influenciado estudos e intervenções em CSA, como o cognitivismo e interacionismo (KRÜGER, 2017).

A maioria dos estudos atuais segue a perspectiva da Análise Aplicada do Comportamento (Applied Behavior Analysis - ABA), destaca-se o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (The Picture Communication Exchange System – PECS), utilizado no Brasil a partir da adaptação realizada por Walter (2009), que consiste na “troca de figuras” como forma de interação comunicativa. Esse programa se propõe a treinar o intercâmbio de figuras de interesse dos sujeitos em fases (WALTER, 2009).

Explicitando: esse programa utiliza os símbolos gráficos (desenhos no papel do sistema PCS – Picture Communication Symbols³) e inicialmente, as crianças com TEA devem “trocar figuras”, ou seja, entregar um símbolo ao examinador para receber algo de seu interesse em troca (reforço positivo como, por exemplo, um doce). Em fases mais adiantadas as crianças devem responder à pergunta do examinador “o que você quer?”, entregando um símbolo como resposta. Qualquer resposta diferente de entregar o símbolo na mão do examinador é ignorada. Essa abordagem compreende a linguagem como meramente expressiva e atua de forma

³ PCS (Picture Communication Symbols) refere-se a um sistema de símbolos pictográficos utilizado para a comunicação, que conta com mais de 3.000 símbolos que representam palavras e conceitos (BASIL e ROSELL, 2003; VON TETZCHNER e MARTINSEN, 2000).

condicionante, o que é diferente da proposta desta pesquisa. Essas estratégias comportamentais não dão conta do inesperado, do singular, do inantecipável, trilhados a cada novo enunciado (DUARTE, 2005). O foco está na eficiência de comunicar e compreender requerimentos, o que estimula o tipo de comunicação utilitarista e pouco declarativa (CANCINO, 2013).

Nessa pesquisa, a linguagem é compreendida não como produto estrito de aprendizagem, mas considera-se que no processo de aquisição de linguagem é indispensável colocar o sujeito na posição de criador de sentidos. Assim, o interlocutor precisa interpretar as produções da criança de modo a atribuir-lhes forma e sentido, inserindo-as em redes de significação (PALLADINO, 1999, 2004).

Diante da criança com necessidades complexas de comunicação (como no TEA) a interpretação das produções é possível, mas tende a se restringir às vocalizações ininteligíveis, ações, gestos e expressões corporais. Tornando-se necessárias mais referências para a interpretação, como os símbolos com significados atribuídos (CSA) constituídos dialogicamente com o outro. (WOLFF, 2001).

Ressalta-se, a partir da observação clínica sistemática, que pessoas com TEA têm atitudes que mostram interesse e intencionalidade em comunicar-se por meio de expressões não verbais (como o olhar e a gestualidade). Mas nesses contextos, as interpretações do adulto nem sempre são compatíveis com as intenções dos sujeitos, o que muitas vezes gera comportamentos agressivos dos mesmos. Contudo, com o uso da CSA é possível favorecer a interação, minimizando comportamentos indesejáveis. Isso porque, nesse contexto interacional os desejos dessas crianças são mobilizados, o que favorece a sua expressão. Assim, no presente estudo, reconhece-se que a CSA pode ser usada como meio de comunicação, como uma via de acesso ao outro (WOLFF, 2001).

Portanto, supõe-se aqui que as intervenções com CSA não devem se restringir a reconhecer, nomear e apontar símbolos visuais, já que a linguagem é considerada como constitutiva da subjetividade e não somente como código de comunicação (SPINELLI, 1991).

Considerando a intensificação, na prática fonoaudiológica, do uso da CSA em crianças com TEA e que a produção de conhecimento científico sobre o tema ainda

é escassa, especialmente quanto a instrumentos de avaliação, esse estudo se propõe a construir e validar um instrumento de avaliação de linguagem com o uso da CSA e aplicá-lo em uma população de crianças com diagnóstico de TEA.

OBJETIVOS

A pesquisa foi desenvolvida por meio de dois estudos integrados, respectivamente, com os seguintes objetivos:

Estudo 1: Elaborar e validar o conteúdo⁴ de um instrumento de avaliação de linguagem utilizando a CSA.

Estudo 2: Descrever os resultados da aplicação do instrumento em crianças com TEA.

⁴ Validação de conteúdo: verificação do quanto um instrumento pode refletir o fenômeno estudado, ou seja, avaliar a extensão ou grau em que o dado representa o domínio que pretende estudar, medir (MONTEIRO e HORA, 2013; BITTENCOURT et..al., 2011).

ESTUDO 1 - Elaboração e validação do conteúdo de instrumento de avaliação de linguagem utilizando a Comunicação Suplementar e Alternativa

Introdução

A intervenção fonoaudiológica com pessoas com TEA vem se mostrando uma área relevante de pesquisa, por conta do crescente aumento de demanda de atendimento desses casos, que configuram alto risco para necessidades complexas de comunicação (GANZ, 2015). As dificuldades das pessoas com TEA são caracterizadas por algum tipo de problema na comunicação, embora os sintomas específicos possam variar amplamente (MIRENDA, 2009).

Contudo, observa-se escassez de literatura sobre instrumentos de avaliação da linguagem de crianças com necessidades complexas de comunicação, como aquelas diagnosticadas com TEA, assim como ausência de instrumentos de avaliação padronizados com a utilização da CSA em geral e, especialmente, destinados a essa população.

Nesse contexto, vale referir dois instrumentos brasileiros de avaliação fonoaudiológica disponíveis: o Teste ABFW (ANDRADE et al., 2004), especificamente o subteste de avaliação da Pragmática e o Protocolo de Observação Comportamental (PROC) (ZORZI e HAGE, 2004). Ambos se propõem a avaliar a comunicação na ausência da oralidade, mas eles privilegiam a linguagem enquanto código, nas quais a fala é abordada nos aspectos desviantes das normas linguísticas universais (PALLADINO, 1999).

Há também alguns instrumentos para avaliação e diagnóstico dos TEA, como CARS⁵, ADI-R⁶ e ABC⁷, para crianças com mais de 4 anos e outros mais específicos como CHAT⁸, STAT⁹, ECA-N¹⁰ e IDE-S¹¹ para crianças menores (JORGE, 2003).

⁵ The Childhood Autism Rating Scale (CARS).

⁶ Autistic Diagnostic Interview – Revised (ADI-R).

⁷ Autism Behavior Checklist. (ABC)

⁸ Checklist for Autism in Toddlers (CHAT)

⁹ Screening Tool for Autism in Two-Year-Olds (STAT)

¹⁰ Evaluation des Comportements Autistiques Du Nourrisson (ECA-N)

¹¹ Imitation Disorders Evaluation Scale (IDE-S)

Vale ressaltar que esses instrumentos não configuram avaliações efetivamente fonoaudiológicas e tem por objetivo o diagnóstico.

Na literatura fonoaudiológica brasileira, Gonçalves & Pedruzzi (2013) acrescentam as avaliações transdisciplinares baseadas no TEACCH¹², ATA¹³, M-CHAT¹⁴, ASQ¹⁵, ABC¹⁶ e o IRDI¹⁷, que são utilizadas na prática fonoaudiológica, mesmo sem configurar uma avaliação específica da área. Mas, nenhum dos instrumentos referidos aborda a CSA como estratégia de comunicação em uma perspectiva de desenvolvimento de linguagem, foco desta pesquisa.

Na avaliação de crianças com comprometimentos motores, mais especificamente com encefalopatia crônica não evolutiva alguns estudos contemplam a CSA (CESA, 2016 e DELIBERATO, 2015). Cesa (2016) desenvolveu um protocolo fonoaudiológico de avaliação conversacional para ser utilizado na avaliação dos meios, dos atos comunicativos e dos pares adjacentes observados em contexto conversacional. Foram desenvolvidos também protocolos de avaliação para identificação de habilidades comunicativas no contexto escolar (DE PAULA, MANZINI e DELIBERATO; 2015) e no contexto familiar (DELACRACIA, MANZINI e DELIBERATO; 2015) direcionados para alunos com deficiência sem oralidade e utilizados por professores. Todos focados nas estratégias de comunicação, mas ainda não visando diretamente o uso da CSA enquanto linguagem, também não validados.

Ampliando a questão para o âmbito internacional, é importante destacar o estudo de McNaughton e Light (2015), que analisou 30 anos (1985-2014) de publicações do AAC Journal – considerado o principal periódico da área da CSA. Os autores subcategorizaram os resultados em estudos que relatam as intervenções (aqueles com impacto de uma variável independente sobre o desempenho dos participantes), estudos descritivos (aqueles com métodos observacionais ou qualitativos), estudos experimentais (descrevem o efeito de uma variável independente, diferente de intervenção, com não usuários de CSA) e estudos

¹² Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children (TEACCH)

¹³ Escala de Avaliação de Traços Autísticos (ATA)

¹⁴ Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT)

¹⁵ Autism Screening Questionnaire (ASQ)

¹⁶ Adaptada / denominada Inventário de Comportamentos Autísticos (ICA)

¹⁷ Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil – IRDI.

direcionados para instrumentos e medições (desenvolvimento e avaliação de ferramentas). O estudo mostrou um pequeno interesse de pesquisas nessa área, apenas 7% no período estudado, mas com crescente aumento, sendo que nos primeiros 15 anos da revista (1985-1999) foram 5 artigos e no período seguinte passou para 14 artigos. Mesmo com o crescimento da área, esse número ainda é pouco, é necessário mais pesquisas. Os autores concluem que é difícil identificar ferramentas de medição que sejam confiáveis e válidas. As pesquisas com a CSA são frequentemente muito desafiadoras devido à heterogeneidade da população de pessoas que utilizam a CSA, a complexidade dos sistemas e das intervenções na CSA, e a complexa natureza do processo da comunicação. (MCNAUGHTON e LIGHT, 2015).

No Brasil, o Ministério da Saúde brasileiro estabeleceu “Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo” (BRASIL, 2014), que tem por objetivo oferecer orientações às equipes multiprofissionais. Nesse documento não há nenhum posicionamento quanto à CSA, e a avaliação dessa população fica restrita em uma avaliação como “um todo em suas necessidades de saúde, reabilitação e tratamento” (p.33).

Também o Governo do Estado de São Paulo em conjunto com as Secretarias de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência e da Saúde, elaborou o “Protocolo do Estado de São Paulo de Diagnóstico, Tratamento e Encaminhamento de Pacientes com TEA”. Nesse documento é enfatizada a importância do diagnóstico do nível de funcionalidade do indivíduo e do diagnóstico diferencial assim como nas diretrizes do Governo Federal. Em abordagens terapêuticas, mais precisamente fonoaudiológica, é enfatizado a adequação das dificuldades da comunicação visando a melhora de forma quantitativa e qualitativa da emissão verbal ou pelo uso de sistemas de CSA quando necessário. É descrito então o programa PECS como o mais utilizado (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2013).

Essas diretrizes e protocolos brasileiros confirmam a ausência de instrumentos brasileiros especificamente para a avaliação fonoaudiológica com vistas à utilização da CSA, particularmente na população aqui estudada. Dessa

forma é pertinente desenvolver um instrumento para avaliar a linguagem nessa perspectiva.

Objetivo

Elaborar e validar o conteúdo de um instrumento de avaliação de linguagem utilizando a CSA.

Método

Essa pesquisa é um estudo de elaboração e validação de conteúdo com o objetivo de desenvolvimento, avaliação e aperfeiçoamento de um instrumento de avaliação de linguagem.

O instrumento CSA_Linguagem foi elaborado a partir de revisão de literatura sobre avaliação de linguagem, acrescida da experiência clínica da pesquisadora. Propõe-se a avaliar a linguagem, visando possibilidades da utilização da CSA para mediar a interação comunicativa, considerando o uso dos símbolos gráficos como recurso comunicativo em contexto dialógico a partir de situações lúdicas, de modo a avaliar as possibilidades de comunicação do sujeito.

Um dos métodos mais estudados para a obtenção da validade de uma medida é a validade de conteúdo (PASQUALI, 2009), dessa forma, após a construção, o instrumento foi submetido a avaliação de juízes quanto à clareza e pertinência dos itens levantados para validação do conteúdo. A validação de conteúdo tem por objetivo verificar se os itens do instrumento em questão representam adequadamente o constructo elaborado.

Para tal foi definido o desempenho do domínio de interesse, selecionados especialistas qualificados no domínio, elaborado um roteiro de avaliação e resumido os dados do processo (MONTEIRO e HORTA, 2013). Ou seja, iniciar o processo na associação de conceitos abstratos e indicadores mensuráveis, bem como representar a extensão com que cada item da medida comprova o fenômeno de interesse e sua dimensão dentro daquilo que se propõe investigar nas duas etapas: desenvolvimento do instrumento, seguido de análise e julgamento dos especialistas (BITTENCOURT et al., 2017).

Procedimento

FASE 1 - Elaboração do instrumento: versão preliminar do instrumento CSA_Linguagem 1

O processo de elaboração do instrumento inicia-se com a formulação de definições detalhadas dos itens, derivados da teoria ou literatura, de pesquisas anteriores ou da observação sistemática e análise de um comportamento (POLIT e HUNGLER, 1995).

Nessa medida, a elaboração da versão preliminar dos itens foi baseada na revisão de estudos existentes na literatura sobre os aspectos teóricos e metodológicos de aquisição e desenvolvimento da linguagem, além da observação sistemática de situações clínicas realizadas em 25 anos de experiência clínica da pesquisadora.

Os itens dos instrumentos buscaram, de maneira simples e objetiva, traduzir o que se deve observar em termos de avaliação de linguagem utilizando os símbolos gráficos da CSA em sujeitos com necessidades complexas de comunicação.

Assim, o instrumento foi estruturado a partir de 04 eixos de conteúdo:

1. **Intenção comunicativa:** interesse da criança pelos símbolos gráficos e/ou gestos, visando interagir com o interlocutor.
2. **Manejo funcional dos símbolos gráficos:** compartilhamento dos significados dos símbolos gráficos com o interlocutor
3. **Respostas a estímulos verbais e não verbais:** comportamentos da criança.
4. **Emissão de sons verbais:** presença/ausência de oralidade.

Foram sugeridos três contextos interacionais encenados em situações lúdicas a partir dos símbolos gráficos, como apoio para a interpretação das condutas comunicativas dos sujeitos. Os temas sugeridos no instrumento foram música, animais e meios de transporte, selecionados a partir de elementos presentes no repertório infantil considerado como motivadores social e culturalmente, a partir da observação clínica da pesquisadora. Com base nesses temas foram elaborados materiais da CSA na técnica com auxílio, ou seja, pranchas de comunicação temáticas com os símbolos do sistema PCS em baixa tecnologia (Anexo 3).

FASE 2 - Seleção de especialistas, elaboração de roteiro de avaliação e aplicação

Foram selecionados 10 juízes fonoaudiólogos com experiência clínica no atendimento de crianças diagnosticadas com TEA utilizando a CSA, isto é, com reconhecida *expertise* na área do construto (PASQUALI, 2009): fonoaudiólogos com formação e experiência clínica em distúrbios de linguagem na clínica dos TEA.

Foi enviada para os juízes a versão preliminar do instrumento em conjunto com o *link* para responder o questionário. Os juízes realizaram suas avaliações do instrumento visando ajustes na forma e conteúdo, assim como julgando os critérios de clareza e pertinência dos itens, a partir de formulário (Anexo 4) criado por meio da ferramenta *Google docs* cujo conteúdo foi elaborado com base em Beaton, Bombardier e Ferraz (2000) e Duncley et. al. (2003). Foi solicitado aos juízes que verificassem se os itens mensuravam adequadamente o instrumento que se propôs avaliar e que fizessem sugestões e/ou modificações quando necessário.

O formulário e a versão inicial do instrumento (CSA_Linguagem 1) foram encaminhados aos juízes via endereço eletrônico e suas respectivas respostas com comentários e sugestões também foram encaminhadas ao pesquisador responsável via endereço eletrônico em prazo estabelecido.

FASE 3 - Ajustes no instrumento CSA_Linguagem 1 (versão inicial) e elaboração do instrumento CSA_Linguagem 2 (versão final)

Os juízes responderam às proposições quanto a possíveis alterações do instrumento e diante de seus pareceres, foi feita uma análise das contribuições atendendo possíveis modificações e então, foi proposta uma nova versão do instrumento CSA_Linguagem 2 (Anexo 5), cujos resultados de aplicação serão explorados em outro estudo.

Resultados

Para a validação de conteúdo do instrumento, foram convidados a participar do estudo, 10 juízes *experts* com formação acadêmica oriundas de diversos cursos de graduação em Fonoaudiologia, cujos perfis profissionais em relação à formação, pós-graduação e tempo de atuação é possível verificar nos quadros 1, 2, 3 e 4:

Quadro 1 – Instituição onde foi realizada a graduação em Fonoaudiologia

Sigla	Instituição	N
FATEA	Faculdade Teresa D`Ávila	1
IMEC	Instituto Metodista de Educação e Cultura	1
PUC SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	3
UCP	Universidade Católica de Petrópolis	1
UNESP	Universidade Estadual Paulista	1
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo	1
USC	Universidade Sagrado Coração	1
USP	Universidade de São Paulo	1

Quadro 2 – Ano de conclusão da graduação em Fonoaudiologia

Ano	N	%
Antes de 1990	6	60%
Entre 1991 e 2000	3	30%
Entre 2001 e 2010	1	10%

Quadro 3 – Pós-graduação: níveis e áreas de conhecimento

Nível	Área	N
Especialização	Motricidade Oral, Hospitalar, Linguagem, Voz e Disfagia	1
	Educação Inclusiva	1
Mestrado	Saúde da Criança e Adolescente	1
Doutorado	Fonoaudiologia	2
	Letras – Semiótica e linguística em geral	1
	Distúrbios da Comunicação	1
Pós-doutorado	Educação	1
	Educação Especial	1
	Educação Especial e Comunicação Alternativa	1

Quadro 4 - Tempo de atuação com CSA

Tempo	N	%
Menos que 10 anos	3	30%
Entre 10 e 20 anos	3	30%
Mais de 20 anos	4	40%

A versão preliminar do instrumento CSA_Linguagem 1 foi enviada aos juízes e suas observações e sugestões de conteúdo encontram-se elencadas nos quadros a seguir.

No quadro 5, é possível verificar as respostas do formulário de avaliação (anexo 2), em que os juízes apontaram suas impressões no que se refere ao procedimento de aplicação do instrumento, levando-se em consideração desde a clareza e pertinência dos itens, até o sistema de pontuação, local e tempo de aplicação.

Quadro 5 – Comentários dos juízes sobre o instrumento CSA_Linguagem 1

Itens do formulário de avaliação	Observações e sugestões
<p>Dificuldade para compreensão do procedimento Você teve alguma dificuldade para a compreensão do procedimento de aplicação do instrumento? Sim, quais?</p>	<p>Esclarecer o objetivo Especificar se a criança pode pegar a figura espontaneamente Especificar quem poderá estar presente durante a aplicação Justificar o tempo de aplicação proposto Sugestão de possibilidades de figuras que não sejam fixas no papel Especificar o material utilizado na confecção das figuras Detalhar o procedimento utilizado nas filmagens Especificar o local em que deve ser realizada a aplicação Dar exemplos mais claros de perguntas que possam ser realizadas (eixo III)</p>
<p>Redação Imprecisa Você acredita que a redação de itens do instrumento pode ser entendida de maneira imprecisa, comprometendo o preenchimento dos dados? Sim, quais?</p>	<p>Conceituar os termos mais significativos nas instruções</p>
<p>Pontuação A pontuação atribuída dos itens avaliados está adequada? Se não, por quê?</p>	<p>Aumentar a pontuação com a inserção de outros itens: interação com o outro, vocalizações. Exemplificar os dados qualitativos Repensar a pontuação para outras patologias</p>
<p>Exclusão Você sugere a exclusão de conteúdos do instrumento? Se sim, quais?</p>	<p>Não houve sugestões</p>
<p>Inclusão Você sugere a inclusão de conteúdos no instrumento? Se sim, quais?</p>	<p>Questão envolvendo as emissões de sons, entonação ou vocábulos Objetos concretos e associá-los às figuras Intenção comunicativa no que se refere ao estabelecimento de diálogo. Possibilidade de mais de uma opção de resposta. Exemplo: olhar e gesto. Opção de resposta com o olhar (eixo III)</p>
<p>Tempo O tempo despendido para a aplicação do instrumento é adequado?</p>	<p>Mais encontros para promover maior familiaridade do sujeito com a pesquisadora e o local de aplicação Aumentar o tempo do encontro</p>
<p>Comentários adicionais</p>	<p>Reconhecimento da relevância da elaboração de instrumentos de avaliação Estender a utilização do instrumento a outros profissionais (ex: professores) Explicitar critérios de exclusão no texto do instrumento (problemas motores, visual e / ou auditivo) Garantir ambiente o mais neutro possível Avaliar a compreensão e utilização das figuras para se expressar Colocar orientações sobre o uso das figuras em sala de aula Incluir atividades prévias de treino das atividades do instrumento</p>

As contribuições consideradas pertinentes ao objetivo da pesquisa e fundamentos teórico metodológicos utilizados na elaboração do instrumento foram incorporadas na versão CSA_Linguagem 2. O quadro 6 explicita esse procedimento. Destaca-se que a versão CSA_Linguagem 1 contava com 09 questões e, a partir das contribuições dos juízes, foram acrescentadas 08, totalizando 17 questões.

Quadro 6 – Conteúdos mantidos e alterados na versão CSA_Linguagem 1 para a elaboração da versão CSA_Linguagem 2

EIXOS	Questões
I Intenção Comunicativa	1 Interesse pelos símbolos gráficos
	2 Comunicar pelos símbolos gráficos
	3 Comunicar por gestos
	4 Usa o olhar para responder
	5 Responde com mais de um recurso
	6 Inicia uma interação com o símbolo gráfico
II Manejo funcional dos símbolos gráficos	7 Compartilhamento espontâneo
	8 Compartilhamento quando solicitado
	9 Reprodução do uso dos símbolos gráficos
III Respostas aos estímulos verbais e não verbais	10 Quando se expressa apenas verbalmente
	11 Quando se expressa com apoio dos símbolos gráficos
	12 Com apoio de gestos
IV Emissão de Sons Verbais	13 Emissão com intenção comunicativa
	14 Emissão mostrando os símbolos gráficos
	15 Emissão dentro de um contexto
	16 Emissão com entonação

Legenda

Conteúdo Mantido

Conteúdo Alterado ou Incluído

Os quadros 7 e 8 comparam as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem, quanto aos procedimentos de aplicação e eixos de conteúdo temático, respectivamente, a partir das avaliações dos juízes.

Quadro 7 – Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto aos procedimentos de aplicação: **INTRODUÇÃO**

Legenda

Conteúdo Alterado ou Incluído

		Versão 1	Versão 2	Juiz	Sugestão
INTRODUÇÃO	1	Conteúdo Incluído	Este instrumento tem por objetivo avaliar as possibilidades do uso de símbolos gráficos como estratégia de comunicação em crianças de 2 a 6 anos, com necessidades complexas de comunicação, sem alterações auditivas e / ou visuais. O objetivo é verificar as possibilidades desses símbolos como comunicação e assim promover reflexão sobre os ajustes necessários em situações conversacionais que podem ser direcionadas a partir de um sistema de CSA para utilização na terapia fonoaudiológica.	1	Esclarecer o objetivo
				2	
				3	
				4	
				9	

Quadro 8 – Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto aos procedimentos de aplicação: **ORIENTAÇÕES PARA APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO**

Legenda		Conteúdo Alterado ou Incluído			
		Versão 1	Versão 2	Juiz	Sugestão
ORIENTAÇÕES PARA APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO	2 - Local	Criança (C.) e terapeuta (T.) em uma sala. Se a criança se recusar a ficar sozinha, um terapeuta ou acompanhante poderá participar, mas com a instrução de não interferir.	Local: Criança (C.) e terapeuta (T.) sozinhos em uma sala. Se a criança demandar um acompanhante, o mesmo será admitido e receberá a instrução de não interferir.	3 7 8 9	Explicar o local
	3 - Duração	T. se apresenta à criança e interage livremente visando estabelecer comunicação verbal e/ou não verbal por até 5 minutos.	Duração da proposta: 10 minutos de interação com foco nos temas propostos para as pranchas de comunicação elaboradas. Em caso de recusa pela criança, anotar a duração específica a cada sujeito.	2 8	Especificar o tempo sugerido e a proposta
	4- Contexto da atividade	A seguir é proposta a atividade: T. mostra os símbolos para a criança, um tema por vez, faz comentários a respeito, por exemplo: “Vamos cantar uma música?” ou “Um trem! Piuí!” ou “Que porquinho fofo!”, visando estabelecimento de dialogia e observa suas condutas comunicativas por 10 minutos.	T. se apresenta à criança e interage livremente visando estabelecer comunicação verbal e/ou não verbal. Mostra os 03 blocos de símbolos gráficos descritos abaixo, apresentando um tema por vez, independentemente da ordem. Faz comentários e perguntas a respeito enquanto apresenta os símbolos. Por exemplo: “Uma maçã! Ah eu adoro maçã!” ou “Um trem! Piuí!” ou “Que porquinho fofo!” ou “Vamos cantar uma música?”. Ao mesmo tempo em que verbaliza e mostra, T. deve apontar, pegar o símbolo gráfico e fixá-lo em uma prancha com velcro, buscando sempre o estabelecimento de atividade dialógica.	3 7 8 9	Explicar melhor a atividade

Continua.

Quadro 8 – Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto aos procedimentos de aplicação: **ORIENTAÇÕES PARA APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO - Continuação**

Legenda

Conteúdo Alterado ou Incluído

		Versão 1	Versão 2	Juiz	Sugestão
ORIENTAÇÕES PARA APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO	5 – 6 - Material	As figuras estão agrupadas em 03 categorias semânticas: músicas, meios de transporte e animais.	Os símbolos gráficos sugeridos estão agrupados em 03 categorias semânticas: músicas, meios de transporte e animais.	2	Poder utilizar outros símbolos gráficos
		Conteúdo Incluído	Devem ser elaborados em papel e plastificados individualmente, em tamanho de 10 x 10cm	2 3	Explicar uma padronização dos símbolos
PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	7	O material deve ser filmado integralmente, para posterior avaliação dos itens descritos a seguir.	As atividades devem ser integralmente filmadas com câmera fixa, para posterior análise dos itens descritos no instrumento.	2 3	Explicar quem e como será a filmagem
RESPOSTAS	8	Preencha os 03 blocos de questões abaixo, a partir dos dados observados durante a interação T e C, de acordo com os seguintes critérios de pontuação: 0 – para Não 1 – para Às vezes (conduta assistemática) 2 – Para Sim (conduta sistemática)	As respostas devem ser assinaladas em apenas uma alternativa para cada item, às quais serão atribuídas as seguintes pontuações: Não: 0 ponto Às vezes (conduta assistemática): 1 ponto Sim (conduta sistemática): 2 pontos Se necessário, incluir observações ao final de cada bloco.	10	Explicar melhor a pontuação

Com relação às sugestões dos juízes no que se refere aos procedimentos de aplicação, verifica-se que a maior parte das sugestões dizia respeito a um maior nível de detalhamento nas instruções, objetivos, especificação do local e tempo de aplicação, assim como a padronização dos símbolos gráficos utilizados. Tais contribuições foram integralmente incorporadas e modificadas na elaboração da versão final.

Quadro 9 – Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto conteúdos do eixo temático I: **INTENÇÃO COMUNICATIVA**


Legenda		Conteúdo Mantido	Conteúdo Alterado ou Incluído		
Eixo		Versão Inicial	Versão Final	Juiz	Sugestão
INTENÇÃO COMUNICATIVA	1	Mostra interesse pelos símbolos gráficos?	Mostra interesse pelos símbolos gráficos?		
	Ex. 1	Ex: A criança olha, toca ou pega as figuras.	Ex: A criança olha atentamente ou fixamente para o símbolo?	8 9	Deixar o exemplo mais claro
	2	Comunica-se por meio das figuras?	Comunica-se por meio de símbolos gráficos?		
	EX. 2	Ex: A criança olha, aponta, toca ou pega figuras com intenção de comunicar algo	Ex: A criança pega o símbolo, vocaliza e entrega para o terapeuta	8	Deixar o exemplo mais claro
	3	Comunica-se por meio de gestos?	Comunica-se por meio de gestos?		
	Ex. 3	Ex: A criança aponta para ou representa algo com gestos com intenção de comunicar algo	Ex: A criança pega na mão do terapeuta, puxa, cutuca ou aponta algo.	8	Deixar o exemplo mais claro
	4	Conteúdo Incluído	Responde a algum comentário ou pergunta utilizando o olhar?	5 9	Incluir a opção de resposta com o olhar
	Ex. 4	Conteúdo Incluído	Ex: T. pergunta: "Cadê o caminhão?" A criança olha para o símbolo do caminhão	8	Deixar o exemplo mais claro
	5	Conteúdo Incluído	Responde com mais de um recurso de comunicação?	5	Incluir mais de um recurso de comunicação
	Ex. 5	Conteúdo Incluído	Ex: A criança olha, aponta o símbolo, vocaliza e olha novamente para T. em resposta a algo		
	6	Conteúdo Incluído	Inicia uma interação utilizando o símbolo?	5	Incluir a intenção comunicativa iniciando o diálogo
	Ex. 6	Conteúdo Incluído	Ex: A criança pega o símbolo, entrega para T. iniciando um diálogo ou uma interação		


Quadro 10 – Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto conteúdos do eixo temático II : **MANEJO FUNCIONAL DOS SÍMBOLOS GRÁFICOS**


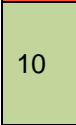


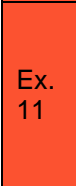

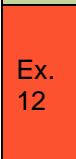
Legenda		Conteúdo Mantido		Conteúdo Alterado ou Incluído	
Eixo II		Versão Inicial	Versão Final	Juiz	Sugestão
MANEJO FUNCIONAL DOS SÍMBOLOS GRÁFICOS	7	Compartilha o significado das figuras de forma espontânea?	Compartilha o significado dos símbolos de forma espontânea?		
	Ex. 7	Ex: A criança olha, aponta, toca ou pega figuras espontaneamente olhando ou se direcionando para T.	Ex: A criança aponta uma figura e olha para T. espontaneamente	8	Deixar o exemplo mais claro
	8	Compartilha o significado das figuras somente quando solicitado pela T.?	Compartilha o significado dos símbolos somente quando solicitado pela T.?		
	Ex. 8	Ex: Quando T. solicita algo relacionado às figuras, a criança olha, aponta, toca ou pega alguma figura.	Ex: T. pergunta e apresenta dois símbolos como opção de resposta, “Esse ou esse?” A criança pega um dos símbolos.	8	Deixar o exemplo mais claro
	9	Utiliza as figuras reproduzindo a utilização feita por T?	Utiliza os símbolos reproduzindo a utilização feita por T?		
	Ex. 9	Ex: A criança imita T. o comportamento da T.	Ex: T. retira um símbolo da prancha, a criança faz o mesmo	8	Deixar o exemplo mais claro

Quadro 11 – Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto conteúdos do eixo temático III : **PERGUNTAS E COMENTÁRIOS ENVOLVENDO OS SÍMBOLOS GRÁFICOS**

Legenda

Conteúdo Mantido 

Conteúdo Alterado ou Incluído 

Eixo III		Versão 1	Versão 2	Juiz	Sugestão
PERGUNTAS E COMENTÁRIOS ENVOLVENDO OS SÍMBOLOS GRÁFICOS		Respostas ao estímulo verbal e não verbal	Respostas ao estímulo verbal e não verbal (perguntas e comentários envolvendo os símbolos)	2	
		10 Responde quando T se expressa apenas verbalmente?	Responde quando T se expressa apenas verbalmente?		
		Ex. 10 Conteúdo Incluído	Ex: T. fala “Vamos cantar parabéns?” A criança sorri e bate palmas		
		11 Responde com o apoio das figuras utilizadas pela T?	Responde com o suporte dos símbolos utilizados pela T?	2	Deixar mais claro
		Ex. 11 Conteúdo Incluído	Ex: T. diz: “Vamos cantar essa música?” (mostrando um símbolo). A criança começa a vocalizar na melodia da música representada		
		12 Responde com o apoio de gestos da T?	Responde com o suporte de gestos da T?	2	Deixar mais claro
		Ex. 12 Conteúdo Incluído	Ex: T. gesticula uma música (batendo palma). C. olha, sorri e vocaliza cantando a música representada.		

Quadro 12 – Comparação entre as versões 1 e 2 do instrumento CSA_Linguagem quanto aos conteúdos do eixo temático IV: **EMIÇÃO DE SONS VERBAIS**

Legenda

Conteúdo Mantido	
------------------	--

Conteúdo Alterado ou Incluído	
-------------------------------	--

Eixo IV		Versão Inicial	Versão Final	Juiz	Sugestão
EMIÇÃO DE SONS VERBAIS	13	Conteúdo Incluído	Emite algum tipo de som com intenção comunicativa?	1	Inserir itens para investigar as vocalizações
	14	Conteúdo Incluído	Emite sons mostrando ou olhando os símbolos?		
	15	Conteúdo Incluído	Emite sons somente de forma contextualizada?		
	16	Conteúdo Incluído	Emite som com entonação?		

No que se refere às sugestões dos juízes, com relação ao conteúdo dos itens que compõe os eixos temáticos do instrumento, observa-se que a maior parte delas foi incorporada ao CSA_Linguagem 2, levando em consideração a necessidade de deixar os exemplos mais claros, assim como a possibilidade de incluir outras manifestações de respostas por parte dos sujeitos (como o olhar, intenção e iniciativa comunicativas).

Como é possível verificar, o instrumento CSA_Linguagem 2 apresenta-se com conteúdo diferente do que foi inicialmente proposto, incorporando grande parte das sugestões de modificações realizadas por parte dos juízes tornando o instrumento mais claro, objetivo e com instruções mais claras acerca dos procedimentos de aplicação e pontuação.

Discussão

De acordo com a literatura sobre a avaliação realizada por juízes peritos na área do constructo (CAMPOS et al., 2013), a validação de conteúdo atingiu seus objetivos, visto que as sugestões quanto a clareza e pertinência do instrumento foram incorporadas.

No formulário de avaliação preenchido pelos juízes, ficou clara a necessidade de reformulação da versão preliminarmente elaborada pela pesquisadora, visando dar maior clareza e objetividade às instruções e procedimentos de aplicação, assim como à redação dos itens que compõe o instrumento, especificando as habilidades avaliadas. Tais contribuições fornecidas pelos juízes estão de acordo com o que se postula sobre o processo de construção e elaboração do conteúdo de um instrumento (POLIT e HUNGLER, 1995; MONTEIRO e HORA, 2013; CRESTANI, 2017).

Os resultados da etapa de apreciação dos juízes acerca do conteúdo indicaram que a versão final do instrumento CSA_Linguagem 2, acatou quase que a totalidade das sugestões de modificações apontadas, tomando as observações recebidas como pertinentes ao escopo do estudo.

Analisando as sugestões dos juízes no que se refere aos itens que compõem o instrumento, verifica-se que muitas delas estão de acordo com o que aparece como recomendado pela ASHA em documento que especifica o papel e responsabilidades do fonoaudiólogo frente à CSA (ASHA, 2004). Nesse

documento técnico, que atesta a ausência de testes padronizados de avaliação da CSA, alguns princípios gerais são recomendados no que se refere a procedimentos de avaliação. Nessa medida, é apontada a necessidade de se descrever brevemente o “setting”, incluindo quem estará presente e em que medida o sujeito teve oportunidades e razões para se comunicar e participar.

Verifica-se dentre as modificações sugeridas pelos juízes para o CSA_Linguagem, a preocupação com aspectos mencionados nesse documento como a necessidade de melhor descrever e definir o local de aplicação e a presença de acompanhantes, por exemplo. Da mesma forma, observa-se a preocupação em detalhar e descrever melhor de que forma se pode observar as manifestações do paciente no sentido de se comunicar – o que pode ser visto nas sugestões dadas em cada um dos itens, como a importância das respostas a estímulos verbais e não verbais, por exemplo.

Nesse mesmo documento, é possível encontrar instruções quanto à necessidade de avaliar habilidades de comunicação e identificação de contextos em essas habilidades possam ser promovidas e aprimoradas como parte do processo de intervenção futura (ASHA, 2004). Observa-se que tais recomendações estão de acordo com os princípios balizadores a partir dos quais foi elaborado o CSA_Linguagem, especificamente no que diz respeito à estruturação do instrumento em torno de eixos interacionais que envolvem diferentes contextos.

A literatura é enfática ao registrar a necessidade de se investir em estudos que levem em conta a questão da comunicação social – preocupação central nos casos de TEA – em que se observa uma gama limitada de funções de comunicação, como o uso reduzido de atos de comunicação para compartilhar interesses, emoções e dificuldade na iniciativa comunicativa, assim como a dificuldade em responder ao outro (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2017a e b; JORGE, 2003; MIRENDA, 2009; SIBEMBERG, 2011; JERUSALINSKY e FENDRIK, 2011). Sabe-se que há um predomínio no uso de gestos comunicativos que servem à regulação de comportamento, como por exemplo, solicitações de objetos, ações e protestos em detrimento de gestos mais ligados à interação social, como saudações, convocações, comentários ou perguntas (GANZ, 2015; ROSE et al. 2016)

Verifica-se um número relativamente grande de estudos que abordam as intervenções com CSA em pessoas diagnosticadas com TEA com foco nos atos comunicativos para a regulação comportamental assim como o uso da CSA para aumentar tentativas de regular o comportamento de outra pessoa, a partir de solicitações de necessidades e desejos, por exemplo (GANZ e SIMPSON, 2004; VAN DER MEER, et al; 2012; SIGAFOOS et al., 2013; TINCANI et.al., 2006; VAN DER MEER et al., 2013). Assim é utilizado no PECS (WALTER, 2009), amplamente utilizado na clínica dos TEA hoje em dia, que baseia sua proposta de intervenção na troca de figuras com vistas a comunicação, o que acaba por trabalhar com funções comunicativas menos interacionais, como o pedido de objeto e a satisfação de necessidades.

Apesar de estarem abordando as intervenções e não propriamente o tema do estudo em discussão que versa sobre um instrumento de avaliação, tais dados de literatura apontam para uma importante reflexão sobre os pressupostos conceituais que envolvem o campo da CSA nos casos de TEA. Verifica-se na área um predomínio de trabalhos cujas bases se ancoram nesse tipo de concepção de linguagem em que a comunicação se reduz a apenas algumas de suas funções.

No entanto, a elaboração dos princípios que norteiam o conteúdo do instrumento CSA_Linguagem, assim como as observações sugeridas pelos juízes aqui consultados, buscam na medida do possível, abordar de forma mais abrangente as dificuldades de comunicação social das crianças com TEA, indo de encontro com o que diz Logan et. al. (2017), ao afirmar que as intervenções com CSA devem resultar em aumento na frequência e eficácia da comunicação para interação social e objetivos de atenção compartilhada e para tal deve investir que crianças com TEA possam comunicar uma variedade maior de funções do que apenas pedidos de objeto.

Considera-se portanto, que a versão modificada do CSA_Linguagem contempla tais pressupostos. A versão final do instrumento foi assim aprimorada, especialmente quanto à introdução e instruções para a aplicação. E foram melhor explicados conteúdos pertinentes aos pressupostos teóricos da proposta, a saber: a utilização da CSA em contexto lúdico e focada na atividade dialógica.

Nessa direção, o instrumento CSA_Linguagem propõe parâmetros que auxiliam o fonoaudiólogo a avaliar as possibilidades e limitações da utilização da CSA, diante dos recursos simbólicos e de linguagem de cada sujeito.

O objetivo proposto foi contemplado no sentido de avançar no processo de validação de conteúdo de um instrumento de avaliação utilizando a CSA com sujeitos com TEA.

Observa-se que no Estudo 2, apresentado a seguir, foi analisado o desempenho de sujeitos com TEA na aplicação do CSA_Linguagem.

Conclusão

A elaboração e validação de conteúdo do instrumento CSA_Linguagem foi concluída com sucesso. Contudo, essa pesquisa tem limitações, na medida em que não há instrumentos de avaliação de linguagem padronizados que considere a utilização de símbolos gráficos como possibilidade de comunicação. Sendo assim, não foi possível atender ao critério de comparação do CSA_Linguagem com outro(s) instrumento(s) disponíveis, para efeitos de validação do instrumento.

Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA) a. **Autism Spectrum Disorder**. (p.1).EUA, 2017a. Disponível em: <http://www.asw4autism.org/pdf/Changes_to_ASD_Criteria_in_the_DSM_5.pdf> Acesso em: 08 out 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA) b. **Highlights of Changes from DSM-IV-TR to DSM-5**. (p.1-19) EUA, 2017b. Disponível em: <<http://www.dsm5.org/Documents/changes%20from%20dsm-iv-tr%20to%20dsm-5.pdf>> Acesso em: 08 out 2017.

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE – HEARING ASSOCIATION (ASHA). **Roles and responsibilities of speech language pathologists with respect to augmentative and alternative communication: Technical report**. Supplement 24, 1-18. EUA, 2004. Disponível em: <<http://www.asha.org/policy/TR2004-00262/#sec1.2>>. Acesso em: 08 out 2017.

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION (ASHA). **Roles and responsibilities of speech-language pathologists with respect to augmentative and alternative communication: position statement** EUA, 2005. Disponível em: <www.asha.org/policy>. Acesso em: 25 jan 2017.

ANDRADE C.R.F., BEFI-LOPES D.M., FERNANDES F.D., WERTZNER H.F. **ABFW – Teste de Linguagem Infantil**. Pro-fono. 2004. 2. ed.

BASIL C., ROSELL C. Sistemas de sinais manuais e gráficos: características e critérios de uso. IN: ALMIRALL C.B., SORO-CAMATS E., BULTÓ C.R. **Sistemas de sinais e ajudas técnicas para a comunicação alternativa e a escrita: princípios teóricos e aplicações**. São Paulo, Editora Santos, 2003.

BEATON D., BOMBARDIER C., FERRAZ M.B. **Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures**. Spine, 2000; 25 (24):223-38.

BEUKELMAN D., MIRENDA P. **Augmentative and Alternative Communication: Supporting children and Adults with complex communication needs**. 3rd ed. Paul H Brookes Publishing Co. 2008.

BITTENCOURT HR, CREUTZBERG M, RODRIGUES ACM, CASARTELLI AO, FREITAS ALS. **Desenvolvimento e validação de um instrumento para avaliação de disciplinas na educação superior**. Estud Avaliação Educ. 2011;

22(48):91- 114. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18222/ea224820111994>>. Acesso em 08 out 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde e Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília (DF), 2014. 78p.

CAMPOS J.A.D.B., BONAFÉ F.S.S., DOVIGO L.N., MAROCO J. Avaliação psicométrica da escala de atitudes em relação à estatística. **Rev Bras Biom.**, 2013; 31(2):327- 37.

CANCINO M.A.H. Pragmática comunicativa não verbal e comunicação alternativa. In: PASSERINO L.M., BEZ M.R., PEREIRA C.C., PERES A. (orgs). **Comunicar para Incluir**. Porto Alegre: Ponto e Vírgula Ed.; 2013: 195-218.

CESA C.C. . **Fonoaudiologia e a Gestão da Linguagem na Área da Comunicação Suplementar e Alternativa: da formação à prática**. Tese (Doutorado em Distúrbios da Comunicação Humana) Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); 2016.

CHUN R.Y.S. **Comunicação suplementar e/ou alternativa: abrangência e peculiaridades dos termos e conceitos em uso no Brasil**. Rev. Pró-Fono, 2009; jan./mar.; 21(1): 69-74.

CRESTANI A.H., MORAES A.B., SOUZA A.P.R. Validação de conteúdo: clareza/pertinência, fidedignidade e consistência interna de sinais enunciativos de aquisição da linguagem. **CODAS**, São Paulo, v.29, n.4, 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/201720160180> >. Acesso em 08 out 2017

DELAGRACIA J.D., MANZINI E.J., DELIBERATO D. **Protocolo para identificação de habilidades comunicativas o contexto familiar**. In: DELIBERATO D., MANZINI E.J. (org.) Instrumentos para avaliação de alunos com deficiência sem oralidade. São Carlos: Marquezini & Manzini: ABPEE, 2015.

DELIBERATO D., MANZINI E.J. (org.) Instrumentos para avaliação de alunos com deficiência sem oralidade. São Carlos: Marquezini & Manzini: ABPEE, 2015.

DE PAULA R., MANZINI E.J., DELIBERATO D. **Protocolo para identificação de habilidades comunicativas no contexto escolar**. In: DELIBERATO D.,

MANZINI E.J. (org.) Instrumentos para avaliação de alunos com deficiência sem oralidade. São Carlos: Marquezini & Manzini: ABPEE, 2015.

DUARTE E.N. **Linguagem e Comunicação Suplementar e Alternativa na Clínica Fonoaudiológica**. 2005. Tese (mestrado em Fonoaudiologia), PUCSP, São Paulo, 2005.

DUNCKLEY M. HUGHES R., ADDINGTON-HALL J., HIGGINSON I. **Translating clinical tools in nursing practice**. J Adv Nurs. 2003; 44 (4): 420-6.

GANZ J. B. AAC interventions for individuals with autism spectrum disorders: state of the science and future research directions. **Augmentative and alternative communication Journal**, v. 31, n. 3, p 203-214, 2015.

GANZ, J.B., e SIMPSON, R.L. Effects on communicative requesting and speech development of the Picture Exchange Communication System in children with characteristics of autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, 2004, (34), 395–409.

GERVAIS H., BELIN P., BODDAERT N., LEBOYER M., COEZ A., SFAELLO .I, BARTHÉLÉMY C., BRUNELLE F., SAMSON Y., ZILBOVICIUS M. Abnormal cortical voice processing in autism. **Nature Neuroscience**, 2004; aug.; 7 (8).

GONÇALVES T.M. e PEDRUZZI C.M. Levantamento de protocolos e métodos diagnósticos do transtorno autista aplicáveis na clínica fonoaudiológica: uma revisão de literatura. **Rev CEFAC**, São Paulo, 2013, jul./Ago.; 15(4): 1011-1018.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Protocolo do Estado de São Paulo de diagnóstico, tratamento e encaminhamento de pacientes com transtorno do espectro autista (TEA). São Paulo. Editora SEDPcD, 2013. 1a. Ed.

INTERNATIONAL SOCIETY OF AUGMENTATIVE AND ALTERNATIVE COMMUNICATION. (ISAAC). **What is AAC?**. Disponível em: <<https://www.isaac-online.org/english/what-is-aac/>> Acesso em: 08 OUT 2017.

JERUSALINSKY A. e FENDRIK S (orgs.). **O livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo. Via Lettera, 2011.

JORGE L.M.. **Instrumentos de avaliação de autistas: revisão de literatura**. 2003. Tese (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia da PUC Campinas; 2003.

JUNG C.G. Chegando ao inconsciente. In: **O homem e seus símbolos**. 5ª. Edição. Editora fronteira, 1964.

KANGAS K & LLOYD L. AAC Terminology Policy and Issues Update. **Augmentative and Alternative Communication Journal**, 1990, 6:2, 167-170.

KRUGER S.I., BERBERIAN A.P., SILVA S.M.O.C., GUARINELLO A.C., MASSI G.A.. Delimitação da área denominada comunicação suplementar e/ou alternativa (CSA). **Rev. CEFAC**. 2017 Mar-Abr; 19(2):265-276. Doi: 10.1590/1982-021620171927316

LIER-DE VITTO M. F. L.. Aquisição de linguagem, distúrbios de linguagem e psiquismo: um estudo de caso. In: LIER-DE VITTO M. F. **Fonoaudiologia: no sentido da linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Cortez 1997.

LOGAN K, IACONO T. & TREMBATH D. A systematic review of research into aided AAC to increase social-communication functions in children with autism spectrum disorder. **Augmentative and Alternative Communication Journal**, 2017, 33:1, 51-64. DOI: 10.1080/07434618.2016.1267795

MCNAUGHTON D., LIGHT J.. What We Write about When We Write About AAC: The Past 30 Years of Research and Future Directions. **Augmentative and Alternative Communication Journal**, 2015, VOL. 31, NO. 4, 261–270 . Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3109/07434618.2015.1099736>> . Acesso em 08 out 2017.

MIRENDA P. Introduction to AAC for Individuals with autism Spectrum Disorders. In: MIRENDA P.e IACONO T. . **Autism spectrum disorders and AAC**. Paul H. Brooks Publishing Co. Baltimore, USA. 2009.

MONTEIRO G. T. R., HORA H.R.M.. **Pesquisa em saúde pública: como desenvolver e validar instrumentos de coleta de dados**. Curitiba: Appris, 2013.

PALLADINO R.R.R. Questões sobre o diagnóstico fonoaudiológico em crianças. In: **Rev. Dist. da Com. Educ.** São Paulo. 1999 dez. 11(1): 111-124.

PALLADINO, R.R.R. Desenvolvimento da Linguagem. In: FERREIRA L.P., BEFFI-LOPES D.M., LIMONGI S.C.O. (orgs). **Tratado de Fonoaudiologia**. Editora Rocca. São Paulo. 2004.

PASQUALI L.. **Psicometria**. Rev Esc Enferm USP. 2009; 43(Esp.):992-9.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. - **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3. ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. 391p.

ROSE, V., TREMBATH D., KEEN D., & PAYNTER J. The proportion of minimally verbal children with autism spectrum disorder in a community-based early intervention programme. **Journal of Intellectual Disability Research**, 2016, 60, 464–477. Doi:10.1111/jir.12284.

SCHLOSSER R., ROTHSCCHILD N. Augmentative and alternative communication for persons with developmental disabilities. **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo, 2001 setem./dez.; 10 (58-59): 6CE-17CE.

SIBEMBERG N. Autismo e Psicose Infantil: O diagnóstico em debate. In: JERUSALINSKY A & FENDRIK S. **O livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo, Via Lettera, 2011

SIGAFOOS J., LANCIONI G.E., O'REILLY M.F., ACHMADI D., STEVENS M., ROCHE R. Teaching two boys with autism spectrum disorders to request the continuation of toy play using an iPadVR –based speech-generating device. **Research in Autism Spectrum Disorders**, 2013, 7, 923–930. Doi:10.1016/j.rasd.2013.04.002.

SPINELLI M. Terapêutica do autismo: aspectos foniátricos. Anais do IV Congresso Mundial da Criança Autista, 1991. São Paulo, AMA, 1991. Não paginado.

TINCANI M., CROZIER S. e ALAZETTA L. The picture exchange communication system: Effects on manding and speech development for school-aged children with autism. **Education and Training in Developmental Disabilities**, 2006, 41, 177–184.

VAN DER MEER L., SUTHERLAND D., O'REILLY M.F., LANCIONI G.E. e SIGAFOOS J. A further comparison of manual signing, picture exchange, and speech-generating devices as communication modes for children with autism

spectrum disorders. **Research in Autism Spectrum Disorders**, 2012,.6, 1247–1257. Doi:10.1016/j.rasd.2012.04.005.

VAN DER MEER L.; KAGOHARA D.; ROCHE L.; SUTHERLAND D.; BALANDIN S.; GREEN V.A.; SIGAFOOS J. Teaching multi-step requesting and social communication to two children with autism spectrum disorders with three AAC options. **Augmentative and Alternative Communication Journal**, 2013, 29, 222–234. Doi:10.3109/07434618.2013.815801.

VAN DER MEER L.A.J.; RISPOLI M. Communication Interventions involving speech-generating devices for children with autism: a review of the literature . **Developmental Neurorehabilitation**, 2010, v. 13, n.4, p.294-306.

VASCONCELLOS R. Clínica de linguagem e seus efeitos singulares no encontro entre “falas” de terapeuta e paciente com paralisia cerebral. In: PASSERINO L.M., BEZ M.R., PEREIRA C.C., PERES A. (orgs). **Comunicar para Incluir**. Porto Alegre: Ponto e Vírgula Editora; 2013: 313-327.

VON TETZCHNER S. e BASIL C. Terminology and Notation in Written Representations of Conversations with Augmentative and Alternative Communication, **Augmentative and Alternative Communication Journal**, 2011, 27:3, 141-149, DOI: 10.3109/07434618.2011.610356.

VON TETZCHNER S. e MARTINSEN J. **Introdução à Comunicação Aumentativa e Alternativa**. Porto: Porto Editora. 2000.

WALTER C.C.F. Comunicação alternativa para pessoas com autismo: o que as pesquisas revelam sobre o uso do PECS por pessoas com autismo. In: DELIBERATO D., GONÇALVES M.J., MACEDO E.C. (orgs.). **Comunicação Alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa**. São Paulo: Memnon Edições Científicas; 2009: 96-106.

WOLFF L.M.G. **Comunicação Suplementar e/ou Alternativa nos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento**. Tese (Mestrado em Fonoaudiologia), PUCSP, São Paulo, 2001

ZORZI J.L., HAGE S.R.V. Protocolo de observação comportamental (PROC). São José dos Campos: Pulso Editorial; 2004.

ESTUDO 2 - Aplicação do Instrumento CSA_Linguagem em crianças com Transtornos do Espectro do Autismo

Introdução

Pesquisas apontam para o aumento da população de crianças diagnosticadas com TEA, mas ainda temos poucas estatísticas e estudos a respeito. Segundo o “Center for Disease Control and Prevention” (CDC), nos Estados Unidos em 2000 havia uma em cada 150 crianças diagnosticadas com TEA, já em 2012 esse índice passou para uma em cada 68 crianças (CDC, 2014). No Brasil, estudos encontraram uma prevalência de 1:360, mas esse número provavelmente é subestimado devido ao pequeno número da amostra de acordo com alguns autores (PAULA, et al., 2011; GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2013; BRENTANI et al, 2013). A grande prevalência de TEA faz com que seja o transtorno de desenvolvimento neurológico mais freqüente, representando assim uma grande preocupação em saúde pública (BRENTANI et al, 2013)

Dessa forma, a preocupação em estudar possibilidades de atuação terapêutica com essa população é de extrema importância (GONÇALVES e PEDRUZZI, 2013; GANZ, 2015; BIANCHINI e SOUZA, 2014). Pesquisas estão se intensificando, mas são necessárias investigações de natureza descritiva e exploratória, na medida em que a temática é complexa quanto às variáveis analisadas (BIANCHINI e SOUZA, 2014).

A pessoa com TEA tem grande chance de apresentar necessidades complexas de comunicação, pois apresenta dificuldades que estão de alguma forma relacionada à comunicação e à linguagem, embora haja uma grande variação nos sintomas específicos (MIRENDA, 2009; BIANCHINI e SOUZA, 2014). Essa comunicação, que até pode ser verbal, embora restrita, inquieta os familiares desde muito cedo e os leva a procurar o profissional fonoaudiólogo (BIANCHINI e SOUZA, 2014), que necessita então de ferramentas para avaliar e desenvolver um projeto terapêutico (BRASIL, 2014; GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2013).

Desse modo, a avaliação e intervenção fonoaudiológica com pessoas com TEA são áreas críticas e importantes de pesquisa, por conta dessa alta prevalência dos TEA e do fato desta população apresentar necessidades complexas de comunicação (GANZ, 2015), o que motiva pesquisadores a investigar os benefícios do uso da Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA) nesses casos (GANZ, 2015).

Embora a CSA tenha uma longa história, pesquisas para investigar estratégias de uso da CSA e publicações para documentar esse trabalho são bem mais recentes e ainda escassos. (MCNAUGHTON e LIGHT, 2015). O uso da Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA) na prática fonoaudiológica tem aumentado nos últimos anos, mas ainda carece de pesquisas que apontem evidências científicas (BERBERIAN et al., 2009).

Seguindo essa mesma tendência, verifica-se que as publicações de estudos com a CSA direcionados para a elaboração de instrumentos específicos para a avaliação de sujeitos com necessidades complexas de comunicação também são escassos, mas já é possível observar um discreto aumento, nos últimos anos, na produção internacional (MCNAUGHTON e LIGHT, 2015).

A propósito, vale referir o estudo de Cesa, Mota e Brandão (2017) utilizando a CSA com crianças com encefalopatia crônica não evolutiva, cujo objetivo foi elaborar um protocolo para avaliação da comunicação desses sujeitos com foco nos meios, atos comunicativos e os pares adjacentes em contexto conversacional.

Mas, especificamente com crianças com TEA, são poucos os artigos científicos nacionais e internacionais sobre a CSA como recurso terapêutico. E nos estudos revisados há predominância de delineamentos experimentais e quase experimentais (NUNES e SOBRINHO, 2010; MCNAUGHTON e LIGHT, 2015), com limitações teórico-metodológicas envolvidas nesse cenário, a saber: a diversidade de características dos TEA, a heterogeneidade dos programas de intervenção e a inadequação do direcionamento das pesquisas em relação às questões de estudo propostas (NUNES e SOBRINHO, 2010).

Nesse contexto, a necessidade na elaboração de instrumentos de avaliação na área justifica-se. Sendo assim, no estudo 1 dessa tese foi

apresentado um instrumento de avaliação de linguagem (CSA_Linguagem) e, para dar continuidade à proposta, o presente estudo se volta para a aplicação desse instrumento numa população de crianças com TEA, visando sua utilização no campo da avaliação de linguagem pelo fonoaudiólogo.

A opção por estudar especificamente sujeitos com TEA foi motivada pelas suas peculiaridades em termos de necessidades complexas de comunicação e pela experiência clínica da pesquisadora com essa população.

Objetivo

Aplicar o instrumento CSA_Linguagem em crianças com TEA.

Método

Pesquisa desenvolvida de acordo com as normas éticas preconizadas para pesquisas com seres humanos. Participaram da pesquisa os sujeitos cujos responsáveis concordaram e assinaram o TCLE (Anexo 2), tendo todos as identidades preservadas. Foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUC SP sob o protocolo no. 1.227.183 (Anexo 1).

Casuística

O tamanho da amostra deste estudo foi obtido sem cálculo amostral prévio. Foram selecionados 32 sujeitos, de 2,0 a 6,0 anos de idade, 24 do sexo masculino e 08 do feminino, que frequentam escola regular, com exceção de uma criança (sem escolaridade).

Essa faixa etária foi escolhida, pois se pretendeu avaliar a criança pequena com os símbolos gráficos antes da alfabetização para que não houvesse interferência do conhecimento da escrita, e por trata-se de período fundamental do processo de aquisição de linguagem oral.

- a) Critérios de inclusão: assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo responsável, faixa etária de 2 a 6 anos, diagnóstico de TEA de acordo com os critérios do DSM-V, com necessidades complexas de comunicação de acordo com informações fornecidas pelos profissionais das instituições em que foi realizada a pesquisa.

- b) Critérios de exclusão: crianças com diagnóstico ou sinais evidentes de comprometimento neurológico, malformações e síndromes genéticas, deficientes auditivas e/ou visuais.

Data e locais de coleta de dados;

A coleta de dados foi realizada nos meses de julho a novembro 2016, nos Centros de Atendimento Psicossocial Infantil (CAPSi) de Guarulhos e Jacareí, Secretaria Municipal de Educação do Município de Amparo (4 escolas municipais) e consultório particular da pesquisadora em Pindamonhangaba. Todos localizados no estado de São Paulo.

A amostra conta com:

- ✓ 20 crianças do CAPSi de Guarulhos;
- ✓ 06 crianças do CAPSi de Jacareí;
- ✓ 04 crianças do Município de Amparo (que freqüentam a rede municipal de ensino da cidade);
- ✓ 02 crianças do consultório particular da pesquisadora.

Procedimentos

ETAPA 1 - Contato com os responsáveis institucionais para apresentação do projeto e parecer sobre a viabilidade da pesquisa.

ETAPA 2 - Reuniões com as equipes institucionais.

Contato com os responsáveis pelas unidades que autorizaram o desenvolvimento do projeto para agendamento de reuniões com as respectivas equipes para apresentação e esclarecimentos sobre a pesquisa. Nessas reuniões foram selecionados os sujeitos participantes de acordo com indicações das equipes, a partir dos critérios de seleção expostos. As próprias equipes se disponibilizaram para agendar a primeira avaliação dos sujeitos.

ETAPA 3 - Aplicação do instrumento CSA_Linguagem (Anexo 5), após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 2) pelos responsáveis.

O instrumento foi aplicado em espaço reservado nas unidades.

Procedimento de Aplicação:

Em uma sala disponibilizada pela Instituição, a pesquisadora (P), procurou ficar sozinha com a criança (conforme orientações para a aplicação do instrumento – anexo 5). Foi feita uma filmagem de 10 minutos para posterior análise. Durante a aplicação do instrumento buscou-se interação, tendo os símbolos gráficos da CSA como suporte para desencadear a dialogia, com constante atribuição de sentidos às vocalizações e ações, para além de atividades metalingüísticas como nomeação ou repetição (WOLFF-BARNABÉ, 2016).

Os símbolos gráficos sugeridos foram agrupados em 03 categorias: músicas, meios de transporte e animais, sendo que em cada categoria constavam 4 símbolos gráficos. O material foi elaborado em papel e plastificado individualmente, em cartelas de tamanho 10 x 10 cm (anexo 5).

Considerando a fundamentação teórica dessa pesquisa vale ressaltar que os 4 eixos de análise propostos pelo instrumento (intenção comunicativa, manejo funcional dos símbolos gráficos, respostas a estímulos verbais e não verbais e emissão de sons verbais) foram estabelecidos com o intuito de investigar possibilidades de comunicação por meio de símbolos gráficos.

A pesquisadora interagiu livremente com a criança visando estabelecer comunicação (verbal e/ou não verbal), em contexto lúdico. Foram apresentados os 03 blocos de símbolos gráficos (um tema por vez), feitos comentários e perguntas a respeito, enquanto eram apresentados os símbolos, por exemplo: “Olha! Uma maçã! Ah, eu adoro maçã!”, “Um trem! Piuí!”, “Que porquinho fofol!”, “Vamos cantar uma música?”; apontando e/ou fixando o símbolo gráfico em uma prancha com fixadores (velcro), sempre visando o estabelecimento da dialogia.

Toda a avaliação foi filmada com a câmera fixa, eventualmente movimentada pela pesquisadora quando necessário. As respostas foram

anotadas no instrumento, marcando-se apenas uma alternativa para cada item avaliado, e foram registradas observações pertinentes a cada item. Dentro do possível, a pesquisadora procurou anotar as respostas e observações durante o momento de aplicação do instrumento, mas em alguns casos não foi possível, desta forma, foi anotado em momento posterior, após a verificação das filmagens. As respostas foram confirmadas e a pontuação feita, posteriormente, por meio da observação dos vídeos.

ETAPA 4 - Devolutiva para os pais e profissionais

Após a realização das avaliações, os profissionais (fonoaudiólogos, terapeutas e/ou professores) das instituições envolvidas solicitaram participar da devolutiva em conjunto com os pais. Essa reunião foi realizada com o objetivo de relatar conteúdos relevantes observados durante o procedimento e assim contribuir com reflexões sobre estratégias para o trabalho fonoaudiológico subsequente.

Análise dos resultados

Foi realizada, inicialmente, a análise descritiva dos dados por meio de frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central (média e mediana) e dispersão (desvio-padrão, mínimo e máximo).

Para a formação do índice foram atribuídos valores os 0, 1 e 2 para as respectivas respostas (não, às vezes e sim); desta forma, o escore obtido poderia variar entre 0 e 32 pontos. O cálculo foi realizado pela somatória simples das questões. Nas análises com variáveis quantitativas, primeiramente, verificou-se a distribuição normal pelo teste de *Komolgorov-Smirnov*. Assim, na comparação das variáveis analisadas foi aplicado o teste paramétrico *t-Student* e, na análise de correlação, o teste de Pearson, para dados paramétricos e *Spearman*, para dados não paramétricos.

Para a significância estatística, assumiu-se um nível descritivo de 5%. Os dados foram digitados em Excel e analisados pelo programa sSPSS versão 22.0 para Windows.

Resultados

A instrução para a aplicação do instrumento foi de que pesquisadora e criança deveriam permanecer na sala apenas na companhia da pesquisadora, o que ocorreu com exceção de uma criança que se recusou, demandando a presença de um terapeuta da instituição (que não interferiu durante a avaliação).

As avaliações foram realizadas em diferentes salas, sendo que naquelas com mais atrações visuais e mais amplas, foi mais difícil obter a atenção das crianças, havendo mais dispersão; o que é um comportamento previsível nos quadros de TEA. Porém, como a escolha da sala não foi determinada pela pesquisadora e sim de acordo com a disponibilidade de espaço das instituições, tal variável não pôde ser controlada. Tal dado aponta para a necessidade de incorporar essa instrução aos procedimentos de aplicação do instrumento CSA_Linguagem, visando condições mais favoráveis para a aplicação do instrumento.

O tempo despendido para cada avaliação foi planejado, inicialmente (conforme estudo 1), em 15 minutos. Mas durante a aplicação do instrumento constatou-se a não pertinência da proposta de 05 minutos iniciais de aquecimento. Assim, 10 minutos foram suficientes para a aplicação, pois esse foi o tempo de tolerância (atenção, interesse) das crianças. Esse resultado implicou alterações na versão final do instrumento.

O tempo despendido na aplicação do instrumento variou em função da disponibilidade da criança em permanecer na sala, nível de atenção e interesse nas atividades propostas. Nesses casos, a pesquisadora optou pela interrupção do procedimento. Observou-se que o tempo médio de aplicação do instrumento foi de 9,8 minutos ($dp=1.4$), mediana 10.1, mínimo de 5.9 e máximo de 13.8 minutos.

Quanto à pontuação obtida pelos sujeitos a média foi de 18.3 pontos ($dp=6.3$), mediana 17,5, variando entre 6 a 32 pontos.

Foram avaliadas 32 crianças com média de idade de 4.6 anos (d=1,1), mediana de 4.5 anos, variando entre 2,4 a 6,7 anos. Observa-se que 75% das crianças eram do sexo masculino e que a maioria (59.4%) estava na pré-escola (Tabela 1).

Tabela 1 – Número e percentual de sujeitos, segundo características demográficas.

Variável	categoria	n	%
Sexo	masculino	24	75.0
	feminino	8	25.0
Escolaridade da criança	nenhuma	1	3.1
	creche	8	25.0
	pré-escola	19	59.4
	1º ano	4	12.5
Local da coleta	Guarulhos	20	62.5
	Jacareí	6	18.8
	Amparo	4	12.5
	Pindamonhangaba	2	6.3
Total		32	100.0

Na tabela abaixo, é possível observar que nesse eixo (Intenção Comunicativa), houve um número significativo de crianças que demonstraram interesse pelos símbolos. Esse interesse pelo símbolo foi expresso pelo olhar e gestos (pegar, segurar, apontar, morder). Algumas crianças se interessaram muito pelo fixador (velcro) que havia no verso da figura: colocavam e tiravam a figura da prancha (aparentemente estimuladas pelo ruído resultante), passavam o material nos lábios (talvez, buscando estimulação sensorial da boca).

A maioria das crianças utiliza mais de um recurso de comunicação e o fazem de forma assistemática entre gestos e olhar (tabela 2).

Tabela 2 – Resultados obtidos pelos sujeitos no Eixo I – Intenção Comunicativa de acordo com número e percentual de sujeitos

Questões	Categoria	n	%
1. Mostra interesse por símbolos?	Não	1	3.1
	Às vezes	6	18.8
	Sim	25	78.1
2. Comunica-se por meio de símbolos?	Não	5	15.6
	Às vezes	18	56.3
	Sim	9	28.1
3. Comunica-se por meio de gestos?	Não	2	6.2
	Às vezes	19	59.4
	Sim	11	34.4
4. Responde a algum comentário ou pergunta utilizando o olhar?	Não	8	25.0
	Às vezes	14	43.7
	Sim	10	31.3
5. Responde com mais de um recurso de comunicação?	Não	1	3.1
	Às vezes	14	43.8
	Sim	17	53.1
6. Inicia uma interação utilizando o símbolo?	Não	19	59.4
	Às vezes	5	15.6
	Sim	8	25.0

Observa-se que metade dos sujeitos da pesquisa não compartilhou de forma espontânea os símbolos e, quando solicitados ou via imitação, reagiram assistematicamente (Tabela 3).

Tabela 3 – Resultados obtidos pelos sujeitos no Eixo II - Manejo funcional dos símbolos gráficos de acordo com número e percentual de sujeitos

Questões	Categoria	n	%
7. Compartilha o significado do símbolo de forma espontânea?	Não	16	50.0
	Às vezes	10	31.3
	Sim	6	18.7
8. Compartilha o significado do símbolo quando solicitado pela P.?	Não	8	25.0
	Às vezes	20	62.5
	Sim	4	12.5
9. Utiliza os símbolos reproduzindo a utilização feita pela P.?	Não	4	12.5
	Às vezes	18	56.2
	Sim	10	31.3

As respostas ao estímulo verbal e não verbal (perguntas e comentários envolvendo os símbolos gráficos) também foi assistemática em sua maioria, não houve diferença significativa para a comunicação do terapeuta por meio da fala ou com o suporte de gestos ou símbolos (Tabela 4).

Tabela 4 – Resultados obtidos pelos sujeitos no Eixo III - Respostas ao estímulo verbal e não verbal (perguntas e comentários envolvendo os símbolos gráficos) de acordo com número e percentual de sujeitos

Questões	Categoria	n	%
10. Responde quando P. se expressa apenas verbalmente	Não	2	6.3
	Às vezes	21	65.6
	Sim	9	28.1
11. Responde com o suporte do símbolo utilizado pela pesquisadora?	Não	4	12.5
	Às vezes	21	65.6
	Sim	7	21.9
12. Responde com o suporte de gestos utilizados pela pesquisadora?	Não	4	12.5
	Às vezes	21	65.6
	Sim	7	21.9

A minoria dos sujeitos não emite sons com intenção comunicativa e metade emitiu sons mostrando os símbolos de forma contextualizada (Tabela 5).

Tabela 5 – Resultados obtidos pelos sujeitos no Eixo IV – Emissão de sons verbais, de acordo com número e percentual de sujeitos

Questões	Categoria	n	%
13. Emite algum tipo de som com intenção comunicativa?	Não	5	15.6
	Às vezes	13	40.6
	Sim	14	43.8
14. Emite sons mostrando ou olhando os símbolos gráficos?	Não	16	50.0
	Às vezes	7	21.9
	Sim	9	28.1
15. Emite sons somente de forma contextualizada?	Não	2	6.3
	Às vezes	14	43.7
	Sim	16	50.0
16. Emite som com entonação?	Não	8	25.0
	Às vezes	7	21.9
	Sim	17	53.1

Na Tabela 6, observa-se que não houve diferença estatisticamente significativa entre os sujeitos analisando-se as variáveis: sexo, escolaridade e local de coleta.

Tabela 6 – Diferença de médias entre grupos segundo pontuação obtida no instrumento

Variável	Categoria	Índice			
		n	média	dp	p*
Sexo	Masculino	24	18.2	7.0	0.825
	Feminino	8	18.7	4.0	
Escolaridade	Nenhuma/creche	9	15.7	4.4	0.140
	Pré-escola/primeiro ano	23	19.3	6.7	
Local da coleta	Guarulhos	20	18.2	7.0	0.899
	Outros	12	18.5	5.2	

* *t-Student*

Observa-se que não houve correlação estatisticamente significativa entre a pontuação obtida versus idade e tempo de aplicação do instrumento (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Correlação de Pearson (r_{pearson}) entre idade (anos) e pontuação obtida no instrumento.

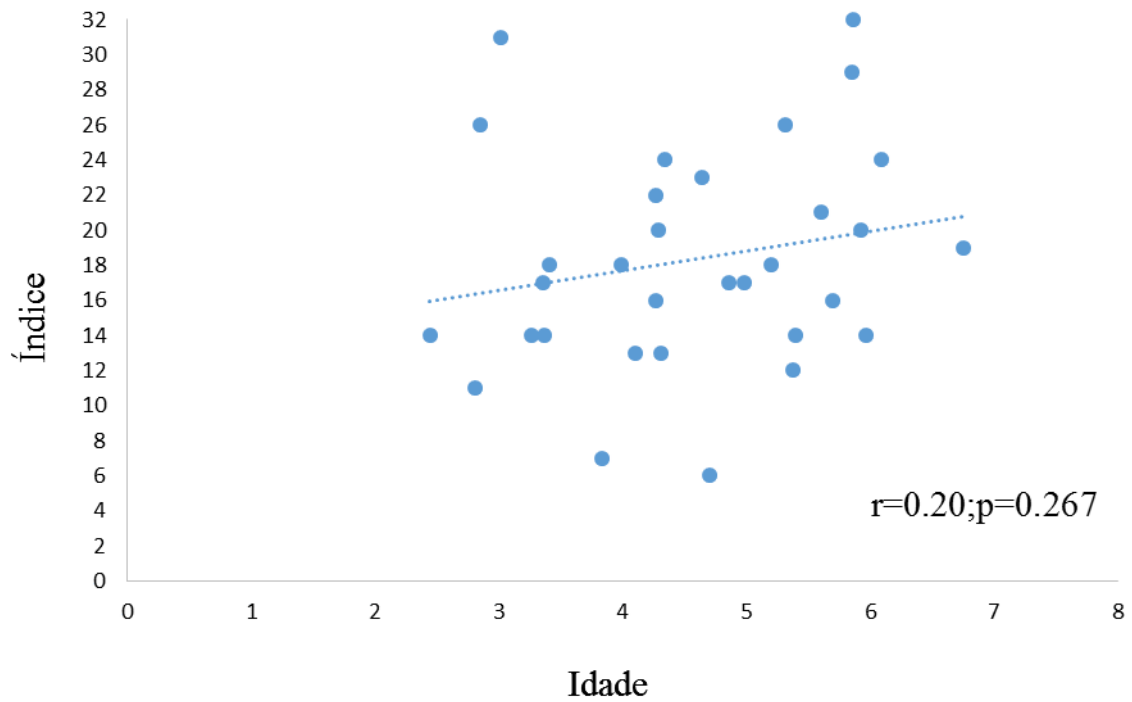
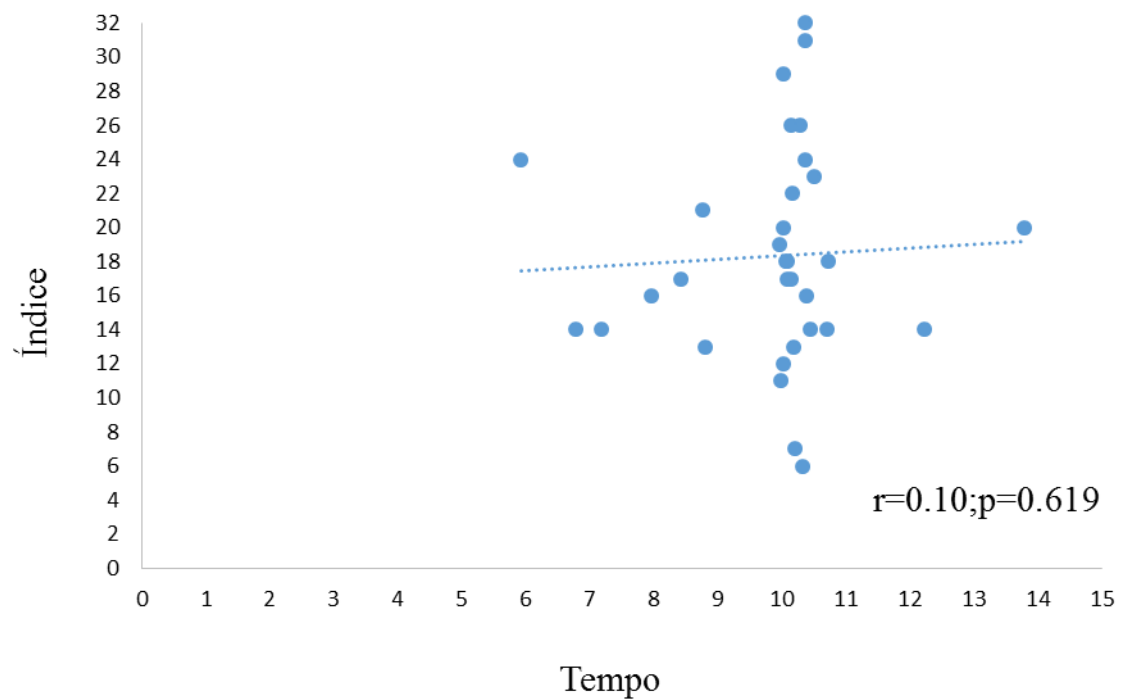


Figura 2 – Correlação de Spearman (r_{Spearman}) entre tempo (em minutos) de aplicação e pontuação obtida no instrumento



O instrumento proposto possibilitou verificar os recursos comunicativos dos sujeitos (olhar, gestos, vocalizações e/ou símbolos gráficos), e de que forma ocorreram, sistemática ou assistematicamente.

Discussão

Esse estudo avaliou 32 crianças na faixa etária de 2,0 a 6,0 anos e encontrou a prevalência de crianças do gênero masculino, assim como mostram estudos nacionais e internacionais (CHISTENSEN et al., 2016; GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2013; CDC, 2014).

As maiores dificuldades encontradas na aplicação, tais como: restrições interacionais, choro, gritos, recusa em entrar e/ou permanecer na sala são inerentes ao quadro clínico de TEA. (NUNES e SOBRINHO, 2010; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2017; JERUSALINSKY e FENDRIK, 2011; BRENTANI et al, 2013). Assim como dificuldades de manutenção e compartilhamento de foco de atenção (BRENTANI et al, 2013; SIBEMBERG, 2011).

Partindo-se do pressuposto de que a intervenção com a CSA não tem por objetivo obter uma solução tecnológica para problemas de comunicação, mas viabilizar possibilidades e habilitar sujeitos para interagir e participar de atividades inerentes à CSA (BEUKELMAN e MIRENDA, 2008); o interesse pelos símbolos gráficos é fundamental, o que ocorreu com a maioria das crianças estudadas.

Esse interesse é ponto de partida para o trabalho fonoaudiológico nessa abordagem (WOLFF, 2001) e, nos casos de TEA aplica-se ao atendimento de sujeitos com qualquer grau de severidade do quadro, mas especialmente nos graus mais severos (MIRENDA e CAITHNESS, 2009; MIRENDA, 2009), quanto à comunicação e comportamento

Os resultados apontaram para o uso de mais de um recurso de comunicação na maioria das crianças, o que está de acordo com a literatura que destaca a importância de se avaliar todas as possibilidades de comunicação (gestos, olhar, fala ou símbolo) (BEUKELMAN e MIRENDA, 2008; MIRENDA, 2009), de maneira a favorecer a inserção do sujeito na linguagem, via simbolização. Contudo, no presente estudo, um número reduzido de crianças utilizou o símbolo gráfico como recurso para a comunicação.

Por sua vez, o compartilhamento do significado do símbolo no contexto dialógico (espontaneamente, quando solicitado ou na imitação) pode referenciar as propostas terapêuticas de utilização da CSA. Neste estudo, metade das crianças não compartilhou espontaneamente o significado dos símbolos, o que está de acordo com o que é descrito na literatura como uma das dificuldades inerentes ao quadro clínico de TEA (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2017; MIRENDA, 2009). Por outro lado, verificou-se que mais da metade dos sujeitos compartilharam de forma assistemática quando solicitados, o que sugere potencial efetividade desse recurso.

Quanto à emissão de sons verbais, foi possível atribuir intenção comunicativa (via entonação) de forma assistemática, em quase metade dos sujeitos avaliados. No entanto, poucos emitiram sons verbais a partir de estímulo dos símbolos gráficos.

Observou-se também que os sujeitos que produziram sons verbais com intenção comunicativa foram aqueles que apresentam, de acordo com os profissionais das instituições, maiores recursos comunicativos.

O instrumento CSA_Linguagem se propõe a avaliar a linguagem quantitativamente, ao atribuir um valor numérico para o desempenho dos sujeitos. Mas, sublinha-se que isso não exclui análises qualitativas complementares dos dados obtidos, no sentido de descrever e acompanhar processos terapêuticos, como sugere Limonge (2009) ao comparar estes dois procedimentos de análise; de maneira a buscar as melhores soluções e possibilidades de uso da CSA de forma individualizada, de acordo com as necessidades de cada criança (WENDT, 2017; CESA, RAMOS-SOUZA E KESSLER, 2010).

Nessa perspectiva, sugere-se que o instrumento pode auxiliar o fonoaudiólogo a estabelecer articulações entre o funcionamento da linguagem oral da criança e a CSA. Explicitando: as crianças que obtiveram maior pontuação foram aquelas que emitiram mais sons verbais e os símbolos gráficos favoreceram a comunicação das mesmas. Aquelas que obtiveram menor pontuação foram as não verbais, contudo, observou-se que os símbolos gráficos foram recursos interacionais significativos.

Conclusão

O instrumento CSA_ Linguagem se mostrou operacional, de fácil aplicação e baixo custo; e possibilitou o delineamento do perfil dos sujeitos avaliados quanto à utilização de símbolos gráficos para efeitos de comunicação.

Assim, espera-se que possa contribuir com o campo fonoaudiológico enquanto roteiro de avaliação para subsidiar a elaboração de estratégias terapêuticas utilizando os recursos da CSA, de maneira não restrita aos casos de TEA.

Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Autism Spectrum Disorder**. EUA, 2017. Disponível em <
<http://www.dsm5.org/Documents/Autism%20Spectrum%20Disorder%20Fact%20Sheet.pdf> > Acesso em 08/out/2017.

BERBERIAN A P., KRUGUER S., GUARINELLO A.C., MASSI G.A.A. A produção do conhecimento em fonoaudiologia em comunicação suplementar e alternativa: análise de periódicos. **Rev. CEFAC**, V.11, Supl2, 258-266, 2009.

BEUKELMAN D e MIRENDA P. **Augmentative and Alternative Communication: Supporting children and Adults with complex communication needs**. 3rd ed. Paul H Brookes Publishing Co. 2008.

BIANCHINI N. C. P. e SOUZA L.A. P. Autismo e Comorbidades: achados atuais e futuras dimensões de pesquisas. **Dist. da Com.** São Paulo. 26(3): 624-626, set. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde e Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília (DF) 2014. 78p.

BRENTANI H., PAULA C.S., BORDINI D., ROLIM D., SATO F., PORTOLESE J., PACIFICO M.C., MCCRACKEN J.T.. Autism spectrum disorders: na overview on diagnosis and treatment. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 2013;35:S62–S72 . Doi:10.1590/1516-4446-2013-S104

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). Prevalence of autism spectrum disorder among children aged 8 years – autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2010. **MMWR Surveillance Summary**, 63, 1 – 21. Disponível em : <<http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss6503a1>> Acesso em 08 out 2017.

CESA C.C., MOTA H.B., BRANDÃO L. Proposta de um protocolo de análise conversacional de comunicação suplementar e alternativa. **Rev. CEFAC** vol.19 no.4. São Paulo July/Aug. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620171947917>

CESA C.C., RAMOS-SOUZA A.P., KESSLER T.M. Novas perspectivas em comunicação suplementar e/ou alternativa a partir da análise de periódicos internacionais. **Rev. CEFAC**. 2010 Set-Out; 12(5):870-880.

CHISTENSEN D.L., BAIO J., BRAUN K.V.N. BILDER D., CHARLES J. CONSTANTINO, J.N. DANIELS J. DURKIN M. S., FITZGERALD R.T. KURZIUS-SPENCER M. LEE L., PETTYGROVE S. ROBINSON C., SHULZ E. WELLS C. WINGATE M. S., ZAHORODNY W. YEARGIN-ALLSOPP M. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 years – Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2012. *MMWR Surveill Summ* 2016; 65 (no. SS-3): 1-23. DOI: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss6503a1>

GANZ J. B.. AAC interventions for individuals with autism spectrum disorders: state of the science and future research directions. **AAC Journal**, v. 31, n3, p 203-214, 2015.

GONÇALVES T.M. e PEDRUZZI C.M. Levantamento de protocolos e métodos diagnósticos do transtorno autista aplicáveis na clínica fonoaudiológica: uma revisão de literatura. **Rev CEFAC**, São Paulo, 2013, jul./Ago.; 15(4): 1011-1018.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Protocolo do Estado de São Paulo de diagnóstico, tratamento e encaminhamento de pacientes com transtorno do espectro autista (TEA)**. São Paulo. Editora SEDPcD, 2013. 1a. Ed.

JERUSALINSKY A, FENDRIK S (orgs.). O livro negro da psicopatologia contemporânea. São Paulo. Via Lettera, 2011.

MCNAUGHTON D. e LIGHT J. What We Write about When We Write About AAC: The Past 30 Years of Research and Future Directions. In: **AAC Journal**, 2015, VOL. 31, NO. 4, 261–270

MIRENDA P. Introduction to AAC for Individuals with autism Spectrum Disorders. In: MIRENDA P E IACONOT . **Autism spectrum disorders and AAC**. Paul H. Brooks Publishing Co. Baltimore, USA. 2009.

MIRENDA P. e CAITHNESS T. Assessment Issues. In: MIRENDA P. e IACONO T. . **Autism spectrum disorders and AAC**. Paul H. Brooks Publishing Co. Baltimore, USA. 2009.

NUNES D.R.P. e SOBRINHO R.P.N. Comunicação Alternativa e Ampliada para Educandos com Autismo: considerações metodológicas. *Rev. Bras. de Educ. Esp.*, Marília, 2010, maio/jun.; 16 (2): 297-312.

PAULA C.S., RIBEIRO S.H., FOMBONNE E., e MERCADANTE M.T. Brief report: prevalence of pervasive developmental disorder in Brazil: a pilot study.

Journal of Autism and Developmental Disorders, 41 (12): 1738-1772. 2011.
Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21337063>> Acesso em
08 out 2017.

SIBEMBERG N. Autismo e Psicose Infantil: O diagnóstico em debate. In:
JERUSALINSKY A. e FENDRIK S.. **O livro negro da psicopatologia
contemporânea**. São Paulo, Via Lettera, 2011

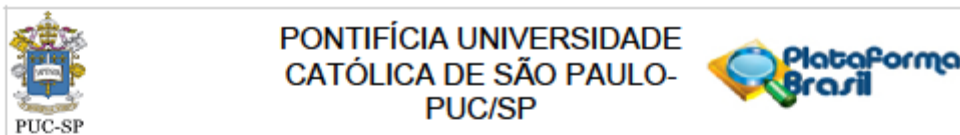
WENDT O. AAC in autism: challenges and practice. In: DELIBERATO
D., NUNES D.R.P. e GONCALVES M.J. (orgs). **Trilhando juntos a
Comunicação Alternativa**. Marília, ABPEE

WOLFF L.M.G.. **Comunicação Suplementar e/ou Alternativa nos
Transtornos Invasivos do Desenvolvimento** Tese (Mestrado em
Fonoaudiologia) São Paulo: PUCSP; 2001.

WOLFF-BARNABÉ L.M., DIÓGENES B., CUNHA M.C., FREIRE R.M.A.C.
Doença mitocondrial e comunicação suplementar e alternativa: estudo de caso
clínico. **Rev. CEFAC**. 2016 Jul-Ago; 18(4):1001-1007

ANEXO 1

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP DA PUC-SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Comunicação Suplementar e Alternativa em crianças com Transtorno do Espectro Autista: proposta de instrumento de avaliação fonoaudiológica

Pesquisador: Luciana Wolff

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 48729315.5.0000.5482

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.227.183

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia (PEPG em FONON), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Luciana Maria Wolff Barnabé, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Claudia Cunha

"(...) Considerando o aumento da prática fonoaudiológica utilizando a Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA) em crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA), e que a produção de conhecimento científico sobre o tema é ainda insipiente, principalmente quanto a instrumentos de avaliação padronizados que possibilitem sua validade e confiabilidade quanto ao uso da CSA, justifica-se o tema desta pesquisa."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral:

Elaborar um instrumento de avaliação fonoaudiológica (CSA-TEA), para crianças com Transtornos do Espectro do Autismo não oralizadas.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@puccsp.br

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado Sr.

Eu, Luciana Wolff, fonoaudióloga, doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, portadora do CPF 081.087.718-03 e RG 20.787.287-09, estabelecida na Rua Cônego Tobias, 357 – Alto do Tabaré, CEP 12403-030, no município de Pindamonhangaba – SP, cujos telefones de contato são 12 – 991049052 e 35277056, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é: “Comunicação Suplementar e Alternativa em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: proposta de instrumento e avaliação fonoaudiológica”, sob orientação da Profa. Dra. Maria Claudia Cunha.

O presente estudo se propõe a realizar uma pesquisa com sujeitos com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA), que frequentam o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) e tem por o objetivo elaborar, validar e avaliar a confiabilidade de um instrumento de avaliação para orientação do trabalho fonoaudiológico com essas crianças que não apresentam oralidade, visando a possibilidade de apoio para a comunicação, utilizando símbolos gráficos da comunicação suplementar e alternativa (CSA). As informações serão coletadas por meio de filmagens da criança em situações de brincadeiras mediadas pelas figuras com a pesquisadora.

A participação do menor nesta pesquisa, que ora está sob a sua responsabilidade, é voluntária, não remunerada e não determinará qualquer risco. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Não existe outro meio de obter dados com relação ao objetivo proposto e ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

Informo que o Sr. (a) terá a garantia de acesso à informação coletada, em qualquer etapa do estudo, para qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso tenha alguma dúvida ou consideração sobre a ética ou procedimentos da pesquisa, entre em contato com a autora da pesquisa, Luciana Wolff, pelos telefones 12 – 991049052 ou 12-35277056 ou com o CEP/SMS, também para dúvidas e denúncias quanto à questões éticas. (smscep@gmail.com / 11-33972464).

É garantida a liberdade de retirada, a qualquer momento, do consentimento e a não participação do menor, que ora está sob a sua responsabilidade, sem qualquer prejuízo, inclusive quanto ao seu atendimento pela unidade.

Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames ou consultas.

O Sr(a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados da pesquisa e, caso seja solicitado, todas as dúvidas serão esclarecidas.

Eu me comprometo a manter em sigilo a identidade dos participantes, assim como a utilizar os dados coletados somente para a pesquisa. Os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas, em encontros científicos e em Congresso.

Luciana M. Wolff Barnabé

Profa. Dra. Maria Claudia Cunha

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das instruções que li ou que foram lidas para mim descrevendo o estudo: “Comunicação Suplementar e Alternativa em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: proposta de instrumento e avaliação fonoaudiológica”.

Conversei sobre a participação do menor neste estudo, ficando claro para mim quais são os propósitos os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos, riscos e a garantia de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro que a participação do menor é isenta de despesas e que tenho garantia de acesso aos resultados, esclarecimentos de dúvidas a qualquer momento.

Concordo voluntariamente na participação de meu (minha) filho (a) _____, neste estudo e que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento ou etapa da pesquisa, sem penalidade ou prejuízo.

Assinatura do responsável pelo participante

Nome: _____

Data: ____/____/____

RG: _____

Tel: _____

Assinatura do pesquisador

Luciana M. Wolff Barnabé

Data:

ANEXO 3

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO CSA_Linguagem 1 (versão inicial)

Nome: _____ Data de nascimento: ___/___/_____

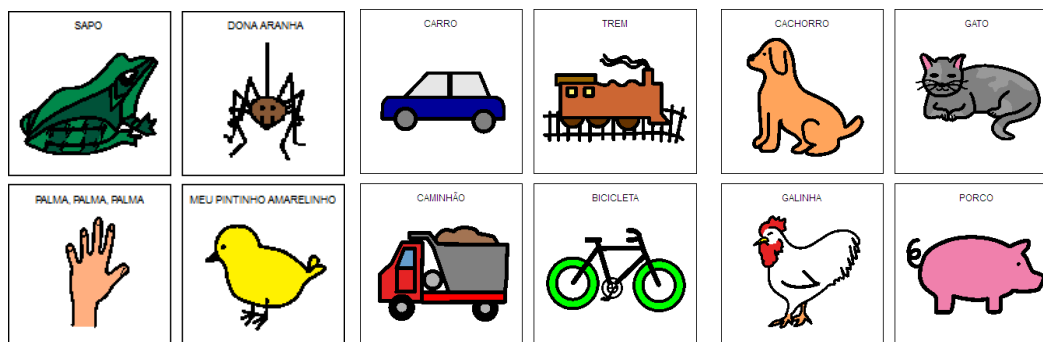
Escolaridade¹⁸ () Não está na escola () Creche () Pré-escola

Contexto de observação para coleta de dados.

Criança (C.) e terapeuta (T.) em uma sala. Se a criança se recusar a ficar sozinha, um terapeuta poderá participar, mas com a instrução de não interferir. T. se apresenta à criança e interagem livremente visando estabelecer comunicação verbal e/ou não verbal por até 5 minutos.

A seguir é proposta a atividade: T. mostra as figuras abaixo para a criança, um tema por vez, faz comentários a respeito, por exemplo: “Olha quem?! O cachorro!!” ou “Um trem! Piuí!” ou “Vamos cantar? Você conhece essas músicas?!”, procurando o estabelecimento de dialogia e observando suas condutas comunicativas por 10 minutos.

As figuras estão agrupadas em 03 categorias semânticas: músicas, meios de transporte e animais.:



O material deve ser filmado integralmente, para posterior avaliação dos itens descritos a seguir.

¹⁸ 1ª. Etapa (creche) – crianças de 0 a 3 anos (completos até 30 de junho)

2ª. Etapa (pré-escola) – crianças com 3 anos (completos a partir de 01 de julho) há 5 anos (completos até 30 de junho)
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=700-passoapasso9anos-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192

Habilidades comunicativas

Preencha os 03 blocos de questões abaixo, a partir dos dados observados durante a interação T e C, de acordo com os seguintes critérios de pontuação:

0 – para Não

1 – para Às vezes (conduta assistemática)

2 – Para Sim (conduta sistemática)

Por favor, assinale apenas uma das alternativas para cada item. Se tiver qualquer observação complementar, anote abaixo de cada bloco de questões.

I. INTENÇÃO COMUNICATIVA

	NÃO	ÀS VEZES	SIM
Mostra interesse pelas figuras? Exemplo: A criança olha, toca ou pega figuras.			
Comunica-se por meio das figuras? Exemplo: A criança olha, aponta, toca ou pega figuras com intenção de comunicar algo			
Comunica-se por meio de gestos? Exemplo: A criança aponta para ou representa algo com gestos com intenção de comunicar algo			

OBS: _____ Pontuação: _____

II. MANEJO FUNCIONAL DAS FIGURAS

	NÃO	ÀS VEZES	SIM
Compartilha o significado das figuras de forma espontânea? Exemplo: A criança olha, aponta, toca ou pega figuras espontaneamente olhando ou se direcionando para T.			
Compartilha o significado das figuras somente quando solicitado pela T.? Exemplo: Quando T. solicita algo relacionado às figuras, a criança olha, aponta, toca ou pega alguma figura.			
Utiliza as figuras reproduzindo a utilização feita pela T.? Exemplo: A criança imita T. o comportamento da T.			

OBS: _____ Pontuação: _____

III. Respostas ao estímulo VERBAL E NÃO VERBAL

	NÃO	ÀS VEZES	SIM
Responde quando T se expressa apenas verbalmente?			
Responde com o apoio das figuras utilizadas pela T?			
Responde com o apoio de gestos da T?			

OBS: _____ Pontuação: _____

Ao final, será gerado escore baseado na somatória das questões, podendo variar de 0 a 18.
Escore final:

ANEXO 4

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO CSA_Linguagem

Nome: _____ Data: ___/___/___

Dados de Formação

Graduação (ano e Instituição): _____

Pós Graduação: _____

Atuo com a CSA no atendimento de crianças com TEA há: _____ anos.

Considerando sua experiência profissional com pacientes com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) utilizando a CSA, faça comentários, críticas e sugestões em relação ao instrumento de Avaliação CSA_Linguagem.

- ✓ Você teve alguma dificuldade para a compreensão do procedimento de aplicação do instrumento?

() sim () não

Se sim, quais? _____

- ✓ Você acredita que a redação de itens do instrumento podem ser entendidas de maneira imprecisa, comprometendo o preenchimento dos dados?

() sim. () não

Se sim, quais? _____

- ✓ A pontuação atribuída dos itens avaliados está adequada?

() sim () não

Se não, por quê? _____

- ✓ Você sugere a exclusão de conteúdos do instrumento?

() sim. () não

Se sim, quais? _____

- ✓ Você sugere a inclusão de conteúdos no instrumento?

() sim. () não

Se sim, quais? _____

- ✓ O tempo despendido para a aplicação do instrumento é adequado?

() sim () não

- ✓ Comentários adicionais

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO 5

INSTRUMENTO CSA_Linguagem 2 (versão final)

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE LINGUAGEM COM A COMUNICAÇÃO SUPLEMENTAR E ALTERNATIVA – CSA_Linguagem

Nome: _____

Responsável: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Idade: _____ Gênero: () F () M

Nível de escolaridade: () Creche () Pré-escola () não escolarizada*

INSTRUÇÕES

Este instrumento tem por objetivo avaliar as possibilidades do uso de símbolos gráficos como estratégia de comunicação em crianças de 2 a 6 anos, com necessidades complexas de comunicação e sem alterações auditivas e/ou visuais.

O objetivo é verificar as possibilidades desses símbolos como comunicação e assim promover discussão sobre os ajustes necessários em situações conversacionais que podem ser direcionadas a partir de um sistema de CSA para utilização na terapia fonoaudiológica.

Orientações para aplicação do instrumento:

Local: Criança (C.) e terapeuta (T.) sozinhos em uma sala, preferencialmente pequena e sem atrativos visuais para haver o menos possível de dispersão e dificuldade de manutenção de foco e atenção. Se a criança demandar um acompanhante, o mesmo será admitido e receberá a instrução de não interferir.

Duração proposta: 10 minutos de interação livre com a utilização dos símbolos gráficos (sugeridos abaixo). Em caso de recusa pela criança, anotar a duração específica a cada sujeito.

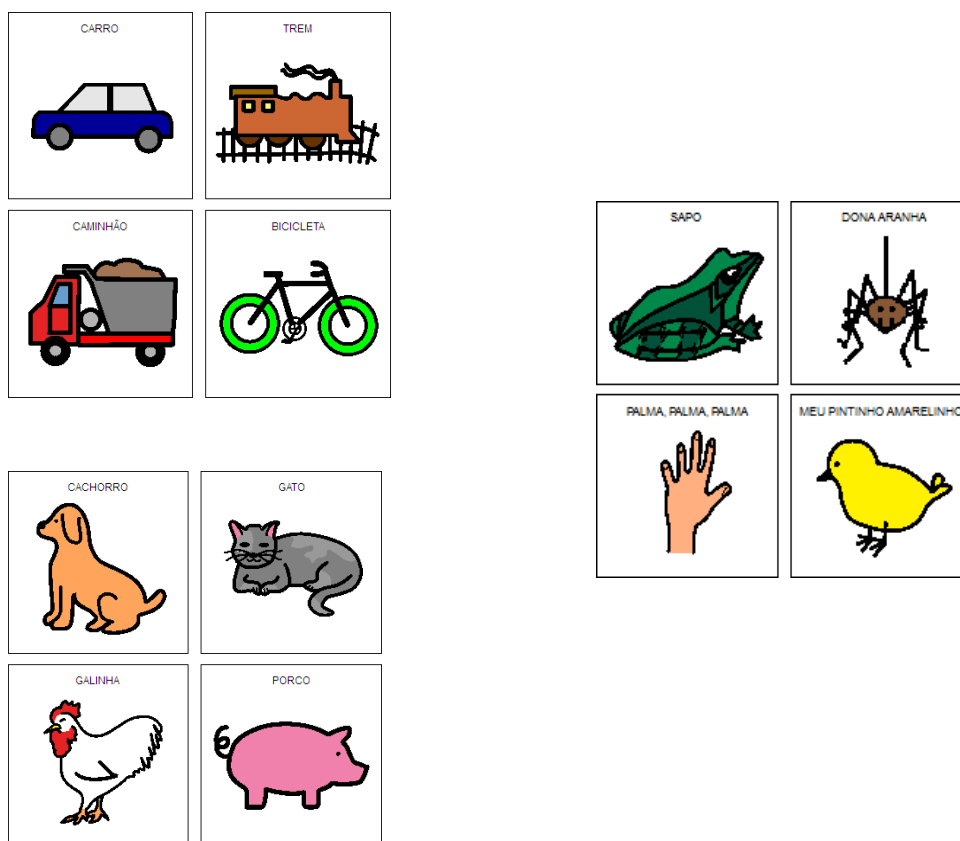
Contexto da atividade: T. se apresenta à criança e interage livremente visando estabelecer comunicação verbal e/ou não verbal. Mostra os 03 blocos de símbolos gráficos descritos abaixo, apresentando um tema por vez, independentemente da ordem. Faz comentários e perguntas a respeito enquanto apresenta os símbolos. Por exemplo: “Uma maçã! Ah eu adoro maçã!” ou “Um trem! Piuí!” ou “Que porquinho fofo!” ou “Vamos cantar uma música?”. Ao mesmo tempo verbaliza e mostra. T. deve apontar, pegar o símbolo gráfico e fixá-lo em uma prancha com velcro, buscando sempre o estabelecimento de atividade dialógica.

INSTRUMENTO CSA_Linguagem 2 (versão final) - MATERIAL

Material:

Devem ser elaborados em papel e plastificados individualmente. Sugestão de tamanho: 10 x 10 cm.

Os símbolos gráficos sugeridos estão agrupados em 03 categorias semânticas: músicas, meios de transporte e animais ¹⁹



¹⁹ Essas categorias foram selecionadas a partir de elementos presentes no repertório infantil considerados como motivadores social e culturalmente, a partir da experiência clínica do pesquisador com crianças com TEA e CSA.

INSTRUMENTO CSA_Linguagem 2 (versão final) - PROCEDIMENTO

Procedimento de coleta de dados

As atividades devem ser integralmente filmadas com câmera fixa, para posterior análise dos itens descritos no instrumento.

As respostas devem ser assinaladas em apenas uma alternativa para cada item, às quais serão atribuídas as seguintes pontuações:

(0) Não: 0

(1) Às vezes (conduta assistemática): 1

(2) Sim: (conduta sistemática): 2

Se necessário, incluir observações ao final de pergunta.

I. INTENÇÃO COMUNICATIVA

A criança		NÃO	ÀS VEZES	SIM
1	Mostra interesse pelos símbolos gráficos?			
	Ex: A criança olha atentamente ou fixamente para o símbolo			
Obs:				
2	Comunica-se por meio dos símbolos gráficos?			
	Ex: A criança pega o símbolo, vocaliza e entrega para o terapeuta			
Obs:				
3	Comunica-se por meio de gestos?			
	Ex: A criança pega na mão do terapeuta, puxa, cutuca ou aponta algo.			
Obs:				
4	Responde a algum comentário ou pergunta utilizando o olhar?			
	Ex: T. pergunta: "Cadê o caminhão?" A criança olha para o símbolo do caminhão			
Obs:				
5	Responde com mais de um recurso de comunicação?			
	Ex: A criança olha, aponta o símbolo, vocaliza e olha novamente para T. em resposta a algo			
Obs:				
6	Inicia uma interação utilizando o símbolo gráfico?			
	Ex: A criança pega o símbolo, entrega para T. iniciando um diálogo ou uma interação			
Obs:				

OBS: _____ Pontuação: _____

II. MANEJO FUNCIONAL DOS SÍMBOLOS GRÁFICOS

A criança		NÃO	ÀS VEZES	SIM
7	Compartilha o significado dos símbolos gráficos de forma espontânea?			
	Ex: A criança aponta uma figura e olha para T. espontaneamente			
Obs:				
8	Compartilha o significado dos símbolos gráficos somente quando solicitado pela T?			
	Ex: T. pergunta e apresenta dois símbolos como opção de resposta, "Esse ou esse?" A criança pega um dos símbolos.			
Obs:				
9	Utiliza os símbolos gráficos reproduzindo a utilização feita por T?			
	Ex: T. retira um símbolo da prancha, a criança faz o mesmo			
Obs:				

OBS: _____ Pontuação: _____

III. RESPOSTAS AO ESTIMULO VERBAL E NÃO VERBAL
(perguntas e comentários envolvendo os símbolos gráficos)

	A criança	NÃO	ÀS VEZES	SIM
10	Responde quando T. se expressa apenas verbalmente.			
	Ex: T. fala "Vamos cantar parabéns?" A criança sorri e bate palmas			
Obs:				
11	Responde com o suporte dos símbolos gráficos utilizadas por T.			
	Ex: T. diz: "Vamos cantar essa música?" (mostrando um símbolo). A criança começa a vocalizar na melodia da música representada			
Obs:				
12	Responde com o suporte de gestos utilizados por T.			
	Ex: T. gesticula uma música (batendo palma). C. olha, sorri e vocaliza cantando a música representada.			
Obs:				

OBS: _____ Pontuação: _____

IV. EMISSÃO DE SONS VERBAIS

	A criança	NÃO	ÀS VEZES	SIM
13	Emite algum tipo de som com intenção comunicativa?			
14	Emite sons mostrando ou olhando os símbolos gráficos?			
15	Emite sons somente de forma contextualizada?			
16	Emite som com entonação?			

OBS: _____ Pontuação: _____

Ao final, será gerado escore baseado na somatória das questões, podendo variar de 0 a 32.

Escore final: _____